



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

JOÃO PEDRO LOPES OLIVEIRA

**POR UM PENSAMENTO-JORRO: CRÍTICA DA IMAGEM DOGMÁTICA DO
PENSAMENTO E A GEOFILOSOFIA EM GILLES DELEUZE**

RIO DE JANEIRO – RJ

DEZEMBRO/2023

POR UM PENSAMENTO-JORRO:

Crítica da imagem dogmática do pensamento e a Geofilosofia em Gilles Deleuze

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Filosofia, referente ao curso de Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Filosofia.

Orientador:

Prof. Dr.: Ulysses Pinheiro

RIO DE JANEIRO – RJ

2023

JOÃO PEDRO LOPES OLIVEIRA


POR UM PENSAMENTO-JORRO:

Crítica da imagem dogmática do pensamento e a Geofilosofia em Gilles Deleuze

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Filosofia, referente ao curso de Bacharelado em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA:

Nota: 10,0



Prof. Dr. Ulysses Pinheiro - UFRJ

Nota: 10,0 (dez)



Prof^ª. Dr^ª. Susana de Castro - UFRJ

Nota: 10,0 (dez)



Prof. Dr. Thiago Colmenero – UFRJ

AGRADECIMENTOS

A Ulysses Pinheiro, meu professor e orientador; inspiração de dedicação acadêmica e de intelectualidade. Como também aos professores avaliadores desse trabalho, gratidão imensa pela disponibilidade.

Aos meus pais, Osmir José e Rosélia Lopes, que foram meus primeiros professores de Filosofia, com quem aprendi a pensar; e sempre me apoiaram incondicionalmente mostrando que o caminho da excelência está no amor pelo que se faz. Só assim se é também feliz.

Ao meu irmão e melhor amigo João Paulo, parceiro de música e abraço certo. *TXAI*.

A Bárbara, Camila, Lucas, Erick, Felipe, Isabela, Mário, Bruno, sem os quais os encontros, eu jamais poderia ter chegado aqui. Só sou, porque sou com eles.

A minha deusa música que me deu tudo, me salvou e continua a salvar a cada dia.

Ao meu mais recente e intenso amor, Ana.

A todos os professores da minha trajetória escolar, mas, principalmente aqueles que de alguma forma souberam me alcançar: Hilário, Robson, Samantha, Welington, Ledys, Luciane.

E, claro, todos os encontros que em meio a essa trajetória foram catalizadores do que até foi vivido.

RESUMO

LOPES, João Pedro. **Por um pensamento-jorro: crítica da imagem dogmática do pensamento e a Geofilosofia em Deleuze**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Rio de Janeiro, 2023.

O texto explora o pensamento de Gilles Deleuze com a colaboração filosófica de Félix Guattari, tendo como foco a estreita relação entre terra e pensamento, como um domínio complexo e potente de investigação. Os autores desafiam as fronteiras tradicionais do pensamento, propondo uma "Geo"filosofia. Destacando assim a crítica à ideia tradicional de um fundamento do pensamento, argumentando que este, parte de uma multiplicidade da qual não pode ser alienado, movendo-o assim para um espaço liso onde a imanência prevalece. A filosofia da representação é rejeitada em favor de uma nova imagem do pensamento, onde o pensamento está diretamente ligado ao território que erige para si, podendo de fato fluir. Jorrar. Sendo assim, a própria noção de subjetividade pode ser de certo modo questionada através de uma noção de subjetividade nômade que, ao ser explorada, pode operar o deslocamento da compreensão convencional e levando-a até os desdobramentos políticos que propõem uma visão baseada na possibilidade da diferença. Por isso, essa presente monografia busca não apenas decifrar as ideias dos autores sobre a relação entre pensamento e terra, mas também revelar implicações ontológicas, epistêmicas e ético-políticas dessa proposta.

Palavras- chave: Gilles Deleuze; geofilosofia ; movimentos aberrantes; micropolítica

Como vêς, é-me impossível aprofundar e apossar da vida, ela é aérea, é o meu leve hálito. Mas bem sei que quero aqui: quero o inconcluso. Quero a profunda desordem orgânica que, no entanto, dá a pressentir uma ordem subjacente. A grande potência da potencialidade (..)

Mas se eu esperar compreender para aceitar as coisas – nunca o ato de entrega se fará. Tenho que dar o mergulho de uma só vez, mergulho que abrange a compreensão e sobretudo a incompreensão. E quem sou eu para ousar pensar?(...)

O verdadeiro pensamento parece sem autor. (Lispector, Clarice. Água Viva. Rio de Janeiro – RJ, Ed. Rocco, 1ª ed., 2020. P. 22, 56,74)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO 1: O PENSAMENTO E SUAS IMAGENS	10
1.1 IMAGEM DOGMÁTICA	10
1.2 TODO PENSAMENTO QUER PARA SI UM TERRITÓRIO	12
1.3 CRÍTICA DO PENSAMENTO DA REPRESENTAÇÃO E SUA LÓGICA	15
1.4 SIMULACRO E DIFERENÇA: O ABERRANTE COMO POSSIBILIDADE	17
1.5 ARISTÓTELES, DESCARTES E A DIFERENÇA SUBORDINADA A IDENTIDADE .	18
CAPÍTULO 2: POR UMA NOVA IMAGEM DO PENSAMENTO	20
2.1 OU, POR UM PENSAMENTO SEM IMAGEM	20
2.2 NIETZSCHE E ESPINOSA: ALIADOS INDISPENSÁVEIS	23
2.3 ESPAÇO LISO DO PENSAMENTO > ESPAÇO ESTRIADO	27
CAPÍTULO 3: FILOSOFIA A “LA TOUPEIRA”	28
3.1:A FORÇA POSSÍVEL DE UMA GEOFILOSOFIA	28
3.2 PEDAGOGIA DO CONCEITO: ONTOLOGIA DELEUZIANA?	31
3.3 A PERFORMANCE NOMADE COMO EXPRESSÃO DE UM PENSAMENTO DA DIFERENÇA	36
CONCLUSÃO	42
política doS devirES : RUMO À NOVA TERRA	42
REFERÊNCIAS:	48

INTRODUÇÃO

Tendo em vista o vasto panorama filosófico delineado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, este texto pretende delinear a íntima ligação entre a terra e o pensamento como um domínio rico e complexo para a investigação de novas perspectivas e conceituações. A colaboração singular desses pensadores desafia as fronteiras convencionais do pensamento, erguendo-se como uma proposta que desmantela as estruturas dogmáticas sedimentadas em uma imagem tradicional de operação do pensamento. Há aqui como proposta a investigação das intrincadas conexões entre terra e pensamento que permeiam a obra desses autores, promovendo uma crítica contundente às visões enrijecidas que circunscrevem o que se entende como história do pensamento e apresentando o que culminaria numa alternativa instigante de compreensão: a “Geo”filosofia.

O percurso aqui empreendido vislumbra, portanto, uma desmontagem das limitações de uma compreensão estancada do pensamento, sinalizando a imprescindibilidade de transpor paradigmas que, por vezes, aprisionam as potências do exercício do pensamento, principalmente, daquele que se pretende filosófico. Esta investigação não apenas lança luz sobre as intrincadas interações entre a terra e o pensamento, mas igualmente lança-se em uma narrativa crítica, convocando à reconsideração das bases sobre as quais erguem-se as compreensões de mundo.

Esse entendimento emerge como um contraponto vital à rigidez dogmática que muitas vezes permeia a esfera do pensamento ao sublinhar a inter-relação essencial entre o pensamento e a terra; o pensamento como potência imanente. Esta abordagem sugere uma compreensão mais fluída sobre os limites da filosofia, na qual a terra transcende seu papel meramente contextual e torna-se uma participante ativa e influente na engrenagem de se pensar e produzir novas formas de vida. Este texto se propõe, portanto, a explorar nos passos dos autores, as implicações profundas desta topologia, havendo também o desafio de considerar o papel da terra na gestação e formação do pensamento e instigando assim a acolher uma visão mais integrada, e por que não, poética da produção filosófica.

Em primeiro plano, destacaremos a crítica deleuziana à ideia tradicional de fundamento do pensamento. Para Deleuze e Guattari (2010), o pensamento não se ancora em estruturas fixas ou fundamentos estáveis, mas, ao contrário, floresce em devires múltiplos, movendo-se por um espaço liso onde a imanência se sobrepõe à transcendência. Esta crítica, que desestabiliza os

alicerces clássicos da filosofia, servirá como ponto de partida para a análise mais aprofundada da relação entre pensamento e terra.

A filosofia da representação, tão incisivamente contestada por Deleuze e Guattari, será abordada como um elemento-chave para compreendermos a concepção que ambos propõem. A rejeição dessa filosofia da representação implica uma desvinculação do pensamento de estruturas cristalizadas, abrindo caminho para a possibilidade de se pensar a filosofia a partir de uma Geofilosofia; abordagem esta que coloca o pensamento em relação constitutiva e direta com o território de onde se pensa, em uma relação de constante interação e influência mútua.

Exploraremos, também, a noção de subjetividade nômade, que emerge como um conceito central nas obras de Deleuze e Guattari. Esta perspectiva desloca a compreensão convencional da subjetividade, propondo uma visão mais fluida e dinâmica, que se movimenta pelos territórios do pensamento justamente de maneira nômade, desviando-se dos caminhos já pré-determinados de identidades e subjetividades fixas. A imbricação entre pensamento e subjetividade nômade conduzirá naturalmente aos desdobramentos políticos intrínsecos a essa relação. Examinaremos como a política dos devires se manifesta, desafiando estruturas normativas e propondo um modo alternativo de conceber o fazer político, partindo da imanência e da possibilidade da multiplicidade.

Ao percorrer esses caminhos filosóficos, talvez seja possível não apenas decifrar as ideias de Deleuze e Guattari sobre a relação do pensamento com a terra, mas também revelar as implicações práticas dessa conexão. Nesse sentido, o trabalho se propõe a contribuir para uma compreensão mais profunda dos possíveis desdobramentos políticos que podem vir emergir desse enlace vital.

Ao longo das páginas vindouras, a imersão nas obras fundamentais de Gilles Deleuze e também das parcerias fundamentais com Felix Guattari será empreendida, desvelando assim os conceitos-chave que delineiam sua visão revolucionária fundamentada nessa primária relação. Nesse trajeto, o questionamento das fronteiras tradicionalmente estabelecidas entre natureza e cultura, entre o humano e o não-humano, culminará na construção de uma compreensão mais rica, criativa e multifacetada das interações e compreensões do que pode haver entre vida e pensamento e, por conseguinte, nossa própria concepção do fazer filosófico.

CAPÍTULO 1: O PENSAMENTO E SUAS IMAGENS

1.1 IMAGEM DOGMÁTICA

A investigação relativa ao conceito de pensamento assume uma posição de destaque na filosofia de Gilles Deleuze. A noção de imagem do pensamento permeia virtualmente a totalidade de sua obra, inicialmente adquirindo uma conotação negativa e, posteriormente, evoluindo em direção a um caráter criativo. Nesta primeira parte, o objetivo é explorar a compreensão de Deleuze acerca do pensamento, e após isso, realizar uma análise das duas imagens do pensamento que emergem em sua filosofia. Nos primeiros escritos de Deleuze, até sua obra *Diferença e Repetição* (2018), ele descreve a imagem do pensamento de forma negativa. Entretanto, após essa obra, ele apresenta uma nova interpretação do conceito de imagem do pensamento, que representa uma alternativa à imagem anteriormente entendida como negativa, chamada por ele de “moral” ou “dogmática”. Essa nova imagem escapa do paradigma da representação e está intrinsecamente ligada à criação.

Deleuze (2010) enfatiza que o ato de pensar não é uma tarefa simples; pelo contrário, o pensamento ocorre raramente e, quando acontece, é muitas vezes desencadeado por forças externas. Isso não apenas implica que não possuímos total consciência do ato de pensar, mas também que o pensamento é moldado por forças que o influenciam. O pensamento é uma manifestação dessas forças e, portanto, não é algo passivo, inato em nós, nem algo simplesmente revelado ou rememorado. Para ele, o pensamento é uma força ativa, é o motor da criação, jamais reativo, uma vez que pensar não é sinônimo de refletir. É justamente por essa distinção que o pensamento se revela como uma força criativa.

Essas forças atravessam e se manifestam nos corpos, escapando da mera capacidade de dominação. Portanto, nessa nova imagem do pensamento, sua operação não é uma forma de reflexão, pois a própria ideia de reflexão implica a existência de um sujeito reflexivo, e o pensamento como potência não está vinculado a nenhum sujeito. É inegável o fato de que Deleuze fez de seu pensamento algo inteiramente relacional, levando sempre em conta a riqueza da heterogeneidade entre os diversos campos e objetos do conhecimento não apenas filosófico, mas também em consonância com a arte e a literatura. Assim sendo, seu modo de pensar não se limitaria apenas à consideração do texto filosófico, indo de encontro à um certo caráter metadiscursivo ou a um estado de reflexão a respeito de outros domínios, mas sim, o que é intencionalmente colocado é uma forma de pensar que se entende num processo de aliança com o que pode haver de potencialmente interessante nos outros saberes. Como bem disse Roberto

Machado¹(2009), o que Deleuze com seu modo de entender a própria lógica do pensamento filosófico quer atestar é que antes de mais nada “o pensamento não é um privilégio da filosofia” e defende que, a filosofia não sendo contemplação ou mera reflexão, é sim, criação de conceitos. Criação singular de conceitos. Desse modo é possível dizer que até mesmo os objetos entendidos como não filosóficos acabam por participar de alguma forma na construção destes ditos conceitos. O que claro não significa que necessariamente para Deleuze, estes sejam dados, muito pelo contrário, segundo ele, é necessário forjá-los.

Em Deleuze está sempre presente um campo de forças, e, o entendimento de determinado campo é fundamental para a posterior compreensão de um certo tipo de “violência” própria do pensamento. Só deste modo, seria possível levar o conhecimento ao espaço onde ele pode ser o inventor de novas possibilidades de vida. Talvez, o grande ponto do modo de fazer filosofia de Deleuze seja o de entender o pensamento intrinsecamente ligado a campos de força e movimentos como também a noções de intensidade e velocidade.

Embora tenha se dedicado muito a escrever sobre outros filósofos, Gilles Deleuze, ao invés de se dedicar a um processo de mera explicitação de conceitos outrora já explicados e comentados, e, continuamente repetidos ao tom de “cânone”, o filósofo parece ter elegido no seu próprio modo de escrita um forte elemento, fazendo atuar nela própria também demonstração da força da sua grande proposta para campo do pensamento: a possibilidade da diferença. Parece existir como fio condutor de todo o seu projeto filosófico o movimento de arrastar o pensamento para esse lugar onde justamente a diferença em si mesma possa ser uma possibilidade. David Lapoujade² em sua obra *Deleuze e os Movimentos Aberrantes* (2015) faz referência ao que ele nomeia como uma “continuidade subterrânea” na obra deleuziana; e mais, conclui que o primeiro ponto desta, seria uma crítica a um certo tipo de fundamento. Segundo ele, a filosofia ao longo de sua história deu a si própria um fundamento que até então, lhe permitiu de certa forma distribuir o direito que segundo ela, caberia a cada faculdade exercer ou de certo modo, o que de conteúdo caberia ou não a ela como disciplina. O que há em Deleuze e é de onde justamente parte essa abordagem como centralidade do texto, é o entendimento de qual imagem do pensamento está sendo criticada e qual está sendo em oposição proposta.

¹ MACHADO, Roberto. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

² David Lapoujade é coordenador de conferências na Universidade *Paris 1 (Panthéon-Sorbonne)*. É editor póstumo de Gilles Deleuze com os livros: *L'Île déserte* (Éditions de Minuit, 2001) e *Deux Régimes de fous* (Éditions de Minuit, 2003)

A primeira parte da crítica deleuziana repousa sob a imagem do pensamento entendida como dogmática; imagem esta, que se perpetuou ao longo de toda a história da filosofia justamente por fazer sempre recair sobre as potencialidades do pensamento a ideia da própria necessidade desse fundamento. Teria sido Platão, o primeiro a eleger o fundamento como necessidade inalienável do pensamento; o conceito de Ideia e a instauração desse espaço da representação e conseqüentemente de uma lógica que opera a partir dela. O desdobramento se dá justamente a partir da compreensão dessas imagens e os conseqüentes espaços aos quais elas fazem referência. Segundo Deleuze (2018), a grande problemática da filosofia da representação é a subordinação a qual a diferença é submetida nesse sistema, sendo assim, não há erro no que tange a crítica deleuziana a imagem dogmática do pensamento, afirmar que o grande intuito é o de fazer o pensamento passar, e mais do que isso fazer a diferença passar. Passar como diferença em si mesma. Em *Diferença e Repetição* (2018, p.253) o autor enfatiza: “Restaurar a diferença no pensamento é desfazer esse primeiro nó, que consiste na representação da diferença sob uma identidade do conceito de um sujeito pensante”.

1.2 TODO PENSAMENTO QUER PARA SI UM TERRITÓRIO

A noção de contraposição entre dois domínios do pensamento é uma constante ao longo da obra de Deleuze. Ele argumenta que uma certa imagem dogmática do pensamento é desbancada em favor de uma outra concepção, ou até mesmo, talvez, de um pensamento destituído de imagem, um pensamento essencialmente diferencial e repetitivo. Deleuze busca no pensamento a emergência de devires, ao invés de considerá-lo como um atributo de um sujeito e uma representação de um todo. Ele propugna por um tipo de pensamento que se relaciona de modo contínuo com o que lhe é exterior, em vez de se circunscrever sob a égide de uma forma determinada. Em lugar de um pensamento-sujeito, ele advoga por um pensamento-problema.

É interessante denotar que da própria escolha das palavras “imagem” e “espaço” é possível já extrair um significado que corre na direção desse próprio vocabulário conceitual que o autor pretende instaurar. Quando Deleuze (2018) se refere a um certo tipo de imagem dogmática do pensamento ele se refere não só a um tipo de lógica operada a partir da representação e da subordinação da diferença, mas também se refere ao tipo conceitual de espaço da qual essa imagem é oriunda. A ideia de espaço justamente aparece de maneira forte porque Deleuze quer advogar a favor de um pensamento que mais do que histórico, é

geográfico. Não por acaso, o próprio se refere a filosofia com sendo toda ela uma “Geofilosofia”; para ele, é a partir da lógica existente na relação com a terra que o pensamento opera. Sob uma ótica do modelo clássico ao qual já referimos como imagem dogmática do pensamento, o entendimento que se tem é que o conceito se ascende e cria um plano entendido como existencial, no entanto, em contrapartida, no modo geofilosófico do pensamento deleuziano, o conceito atua numa espécie de reivindicação de uma determinada terra; como terra própria; ou, por que não, de um território, e, de modo aberto, parece querer povoar um plano já não mais transcendente, como no primeiro caso, mas sim, imanente.

Para Gilles Deleuze (2010), todo pensamento reivindica para si um território e a partir disso acaba por também possuir determinadas coordenadas que funcionam como um plano que guia e direciona seus movimentos³. Sendo assim, a partir de como são traçadas tais coordenadas, elas fazem aparecer a imagem referente a um determinado pensamento. A implicação vai ao ponto em que, é esse traçado que também de algum modo determinará, por exemplo na filosofia, de que maneira se dará a lógica e os limites da criação conceitual. Atrelada fortemente à um caráter moral, essa imagem clássica do pensamento, referida aqui como dogmática, está em inegável afinidade com a necessidade de uma noção de verdade. A representação nada mais é do que algo sendo colocado segundo as formas de um determinado sujeito, logo, este só conhece aquilo que é capaz de representar nas suas formas; por isso, existe a estreita relação com o que o autor chama de “reconhecimento”. Para Deleuze (2010), o pensamento dogmático opera segundo a pressuposição de uma afinidade apriorística entre pensamento e verdade, no entanto, é justamente isso que esmaga a diferença e por fim tende a envenenar a filosofia. A indagação crucial reside naquilo que permite a Deleuze estabelecer uma dicotomia entre duas orientações fundamentais do pensamento e destacar uma delas como uma forma específica de resistência. O critério que ele utiliza para discernir entre dois métodos filosóficos (ou “posturas” filosóficas) é justamente o pensamento de Nietzsche e o que dele decorre; essa é a resposta que pode ser fornecida de maneira concisa e sem demora.

A filosofia de Nietzsche, como ele próprio fez-se entender, atua como um “platonismo invertido”. Esse projeto, interpretado como uma subversão da filosofia da representação e frequentemente rotulado como o intento de perversão do platonismo, constitui o núcleo central que permeia as análises histórico-filosóficas de Deleuze e percorre todo o seu pensamento. Em certo sentido, essa dualidade estabelecida pelo filósofo coloca Platão e Nietzsche em polos

³ Não atoa, com Félix Guattari, nos escritos que acabaram formando os alicerces para o que se entende por Esquizoanálise, surge com tamanha notoriedade o conceito de “cartografia”;

opostos. É possível compreender isso quando, em *Lógica do Sentido* (2015), Deleuze formula a ideia de uma dupla orientação, a profundidade e a superfície, que também caracteriza imageticamente esse antagonismo. De um lado, temos Platão, com quem surge a figura do filósofo como alguém que ascende, que sai da caverna em busca do conhecimento elevado. Segundo essa lógica e imagem do pensamento, a operação filosófica consiste em um movimento em direção ao princípio superior, ao bem e à verdade, como princípios metafísicos e epistemológicos. Por outro lado, Nietzsche representa o extremo oposto, questionando profundamente a ideia de identidade e defendendo a impossibilidade da ideia de um fundamento transcendental da filosofia.

Entretanto, é interessante observar, com uma perspicácia que se destaca, que na filosofia nietzschiana, a ação de pensar afirmativamente assume uma configuração singular e profundamente distinta daquela dos demais filósofos. Deleuze, com sua acuidade analítica, captura esse matiz exclusivo, onde pensar afirmativamente implica, de maneira essencial, a possibilidade de desafiar e contrapor-se a tudo o que a tradição filosófica, desde Platão, elaborou. Essa singularidade decorre da marcante influência do que Nietzsche (1993) identificou como a “negação de vida”, um conceito intrincado que permeia a reflexão nietzschiana e que incita à rejeição do que muitas vezes é tradicionalmente estabelecido. É relevante salientar, contudo, que, embora Deleuze compartilhe, até certo ponto, uma afinidade filosófica com Nietzsche, suas abordagens também se deslocam para pontos de diferenciação. Deleuze adota uma estratégia que, longe de ser casual, é decisivamente planejada e deliberada.

O uso do termo “estratégia” não é fortuito, pois Deleuze, como um verdadeiro filósofo da “aliança”, empreende uma tarefa complexa e elaborada. Por meio de sua Geofilosofia, e tendo-a como modo de operação, ele é capaz de reunir determinados pensadores e inseri-los em um quadro conceitual que transcende possíveis dicotomias tradicionais. No entanto, é crucial enfatizar que Deleuze sempre mantém como critério primordial em suas análises, e até nessa “bricolagem” como modo de construção de pensamento e fabricação conceitual, a exploração da problemática da representação, juntamente com a aspiração à emancipação, por assim dizer, da diferença, constituindo esse fio condutor que unifica todas suas investigações filosóficas.

Quando investigamos os aliados filosóficos de Deleuze, vemos a revelação de um esforço notável em estabelecer uma intrincada teia de relações entre aqueles que, à luz das concepções de Deleuze, especialmente influenciadas pelas ideias de Nietzsche, podem ser aproximados, em diferentes graus, ao âmago do seu próprio pensamento. Assim, a filosofia

deleuziana caracteriza-se por um processo criterioso de seleção e subsequente rearranjo meticuloso de uma vasta e heterogênea gama de elementos, que podem tanto ter suas raízes na tradição filosófica consolidada como também estender-se para além de seus limites tradicionais, abrangendo territórios inexplorados. Este processo, meticulosamente conduzido pelo autor, emerge como um empreendimento intelectual singular e sofisticado, onde se entrelaçam fios da tradição filosófica e elementos que transitam na fronteira do que convencionalmente se considera até então como objeto da filosofia.

Este intrincado tecido conceitual não é apenas uma mera justaposição caótica de ideias; ao contrário, embora passe pelo caos, recorta-o, realizando assim de uma forma habilmente elaborada uma bricolagem intelectual, na qual elementos díspares são harmoniosamente incorporados e reinventados. Sob essa meticulosa metodologia, Deleuze não apenas reconta a narrativa da filosofia, mas também a refaz, reconstruindo-a a partir das bordas mais distantes e, por vezes, inexploradas de seu escopo convencional. Nesse contexto, para Deleuze, a importância fundamental reside na preservação de uma vital força de afirmação para um pensamento onde a supremacia é conferida à diferença, em detrimento da rígida identidade. Sendo este enfoque, enraizado em um compromisso essencial com a singularidade e com a multiplicidade.

1.3 CRÍTICA DO PENSAMENTO DA REPRESENTAÇÃO E SUA LÓGICA

O primeiro ponto sob o qual recairá a crítica de Gilles Deleuze no que tange ao movimento de proposição de um novo espaço do pensamento é à concepção platônica de realidade e conhecimento, revelando uma oposição filosófica fundamental. Enquanto Platão defendia a existência de ideias eternas como fundamentos imutáveis da realidade, Deleuze adota uma filosofia da diferença e da multiplicidade, questionando a ênfase platônica na representação e na busca pela verdade universal das coisas. A filosofia deleuziana, enraizada no pensamento diferencial e na singularidade criativa, destaca a importância da multiplicidade como um fenômeno inerente à existência.

A divergência entre esses filósofos vai também além da esfera da representação. Por exemplo, Platão, com sua teoria das Formas, buscava uma verdade imutável e eterna através da contemplação das ideias. Em contraste, Deleuze, influenciado por filósofos como Nietzsche e Bergson, quer desafiar justamente a noção até então canonizada de verdade. Enquanto de um lado o que interessaria era o Ser das coisas, de outro o que aparece é o interesse em uma visão

da realidade sob ótica do devir, onde a singularidade e a criação são cruciais para tal compreensão filosófica. A crítica de Deleuze à filosofia platônica destaca acima de tudo a complexidade da existência e enfatiza a necessidade de abraçar o múltiplo com possibilidade. Sua abordagem, permeada pelo intento de uma “diferença ontológica”, desafia a noção tradicional de ditas verdades universais.

No entanto, como dito anteriormente, o caráter estratégico do pensamento deleuziano sempre opera no intuito de fazer passar essa diferença, inclusive com o próprio Platão. Deleuze consegue mesmo em meio a uma severa crítica à tal imagem do pensamento, ainda retirar algo dali que possa ser colocado a favor do movimento que ele almeja realizar. Um exemplo disso é o que investiga Roberto Machado (2009) no capítulo "Platão e o Método da Divisão"⁴, explorando uma interpretação de Gilles Deleuze sobre o método filosófico de Platão, conhecido como o “método da divisão”. Segundo ele, Deleuze apresenta, apesar de uma crítica à uma determinada lógica sob a qual opera tal sistema, uma visão que desafia a interpretação tradicional desse método, que geralmente está associado à busca por definições e essências imutáveis. Machado (2009) argumenta que para Deleuze, Platão não estava simplesmente classificando objetos ou ideias em categorias fixas, mas, em vez disso, estava ressaltando as diferenças e as relações dinâmicas entre essas categorias. Ele vê no método da divisão uma maneira de criar novas categorias, destacando a complexidade e a multiplicidade que são inerentes à realidade.

Além disso, Deleuze relaciona o método da divisão ao conceito de “problemas” filosóficos. Ele argumenta que Platão poderia estar mais interessado em investigar esses problemas do que em encontrar respostas definitivas. Portanto, Deleuze parece interpretar o método da divisão como uma ferramenta que estimula a exploração e a resolução de questões filosóficas, em vez de uma busca por verdades universais e imutáveis. Deleuze opera sua “bricolagem” sobre o método da divisão platônico tentando fazer dela em algum lugar uma ferramenta filosófica que destaca a diferença, a multiplicidade e a abordagem dos problemas filosóficos, o que pode haver ali de fluído, em vez de uma busca por definições e essências imutáveis. A operação filosófica deleuziana opera assim por uma estratégia implosiva; Deleuze se articula eficientemente na implosão de um sistema; é como se ele fizesse uma “torção” e com isso, tira de seu próprio inimigo algum tipo de aliança.

⁴ MACHADO, Roberto. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2009

1.4 SIMULACRO E DIFERENÇA: O ABERRANTE COMO POSSIBILIDADE

É o caso por exemplo do conceito de “simulacro” que desempenha um papel fundamental no entendimento do pensamento deleuziano sob vários âmbitos. Os simulacros são representações que não se baseiam em cópias fiéis de uma realidade tida como originária, em tese, para o pensamento platônico, seriam eles cópias infiéis. Deleuze parece justamente aproveitar desse entendimento para alargar a brecha onde seria possível fazer a diferença passar, e, ao passar, subverter o platonismo de dentro do próprio. Para compreender essa subversão, é fundamental observar o modo como Platão via a realidade. Para Platão (1987), a realidade era composta de ideias eternas e imutáveis que serviam como modelos para o mundo sensível. A busca pela verdade e pelo conhecimento envolvia a apreensão dessas ideias perfeitas e imutáveis por meio da razão. A representação, nesse contexto, era a tentativa de capturar a verdade eterna em alguma cópia no mundo sensível. No entanto, Deleuze inverte essa lógica; fazendo-o a operar em outro sentido; trabalhar a seu favor. Os simulacros, de acordo com Deleuze (2018), são representações que não se baseiam na cópia de uma realidade original, mas são entidades autônomas. Eles não imitam a realidade, mas a produzem. Os simulacros são expressões da multiplicidade, da diversidade e da constante transformação que caracterizam o mundo. Deleuze coloca os simulacros como a chave para subverter não apenas a filosofia platônica, mas também toda a estrutura da filosofia da representação. Justamente por serem eles as “imagens sem semelhança”, ou, que coloca a semelhança no exterior. De forma geral, o simulacro é uma diferença não submetida a um determinado fundamento, não é um tipo de representação do mesmo; e por isso, é deixado de fora do círculo de um pensamento que se estruturaria na busca pela verdade. É justamente isso que interessa a Deleuze; é a fagulha necessária para o seu pensamento. O lugar onde habita o simulacro é o lugar onde a diferença é possível por si. Para Deleuze, em *Diferença e Repetição* (2018, p.73), “[...] inverter o platonismo significa isto: denegar o primado de um original sobre a cópia, de um modelo sobre a imagem. Glorificar o reino dos simulacros e dos reflexos.”

Um paralelo interessante pode ser traçado conforme propõe Lapoujade⁵, explorando a relação entre a filosofia de Deleuze e o conceito de “aberrante”, destacando assim, como Deleuze abraça a singularidade e a singularização. A “aberração” é, em certo sentido, uma forma de desvio em relação às normas ou padrões estabelecidos. No contexto da filosofia de Deleuze, isso se relaciona à ideia de que os simulacros, ao serem autônomos e criativos, são

⁵ LAPOUJADE, David. Deleuze, os movimentos aberrantes. Trad. de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, n-1 edições, 2015

intrinsecamente “aberrantes” em relação as representações tradicionais do pensamento. Assim, a filosofia de Deleuze, com seu enfoque nos simulacros e na diferença, abraça o que para a lógica da representação coloca-se como “aberrante” ou até “dissidente”. Deleuze valoriza a singularidade e a multiplicidade, permitindo que os simulacros se manifestem como expressões autênticas da própria complexidade da realidade. Nesse sentido, o “aberrante” torna-se um elemento essencial da filosofia deleuziana. É justamente porque um espaço dogmático do pensamento acaba por “exorcizar” o simulacro, é que o mesmo passa a ser de suma importância.

1.5 ARISTÓTELES, DESCARTES E A DIFERENÇA SUBORDINADA A IDENTIDADE

O pensamento aristotélico não passaria ileso da interpretação deleuziana, sua crítica e proposição de um novo espaço do pensamento. Muito embora possa se afirmar que em Platão a representação teve seu caráter fortemente colocado, no sentido em que aparece um espaço onde a diferença em si mesma é considerada impensável e concomitantemente subordinada ao ideal de semelhança, também com ele ficaram lacunas na elaboração de tal projeto; lacunas essas, as quais segundo Machado (2019), Aristóteles se encarregou; sendo ele à rigor, quem objetivamente funda a representação como uma lógica de fato. Em Deleuze, como argumentado em *Diferença e Repetição* (2018) tal fundação se deu através principalmente de dois conceitos elaborados dentro do pensamento aristotélico: diferenças “específicas” e “categoriais”. De modo geral, Aristóteles é conhecido por seu sistema de categorização e classificação, no qual as coisas são agrupadas com base em características essenciais e compartilhadas. No entanto, a divergência deleuziana dessa abordagem aparece na ênfase sempre presente na importância da diferença e da multiplicidade em oposição à fixidez das categorias aristotélicas. Para Machado (2019), Deleuze reconhece que Aristóteles introduziu o conceito de diferença em sua filosofia, mas argumenta que essa diferença era limitada a uma diferença essencial e hierárquica dentro das categorias estabelecidas.

É estabelecida uma conexão significativa entre sua filosofia e os conceitos aristotélicos de “devir” e “potência”. O conceito de “devir” é central nesse contexto. Aristóteles havia introduzido a ideia de que as coisas estão em constante processo de transformação e mudança, um conceito que Deleuze se apropria mais uma vez no intuito de fazer passar a diferença. O mesmo esforço é empreendido ao importante conceito aristotélico de “potência”. No entanto, dentro da proposta deleuziana, tal conceito é forjado na intenção de enfatizar a capacidade

intrínseca de todas as coisas de se tornarem outras, de se desenvolverem e de expressarem novas possibilidades. Em Aristóteles, a “potência” estava relacionada à realização das características essenciais de um objeto, no entanto, em Deleuze, ela é ampliada para destacar a capacidade de mudança e da possibilidade da multiplicidade. Isso contribui para a rejeição da ênfase de Aristóteles na estabilidade das categorias e na fixidez da identidade das coisas.

É de suma importância destacar um aspecto que parece ser central no pensamento de Deleuze no que diz respeito a essa fundamentação aristotélica da representação, e, concomitantemente, dessa imagem dogmática do pensamento: a oposição ao caráter hierárquico do conceito de Ser que Aristóteles apresenta em suas “categorias”. O cerne dessa questão reside na maneira como os termos e categorias aristotélicas se relacionam com o próprio Ser. Deleuze sustenta que esses termos e categorias não guardam uma relação de igualdade ontológica, mas, pelo contrário, apontam para um posicionamento que reivindica que o Ser não passa de uma unidade em meio a uma série de acepções que derivam de um sentido primordial estabelecido como ponto de referência, um fundamento inerente a essa série. Em outras palavras, toda denominação e categorização estão intrinsecamente ligadas a um princípio único, o que implica que o Ser é, em última instância, subordinado a um tipo de referência que tem primazia. Tal crítica ao caráter hierárquico do conceito aristotélico de Ser que em conjunto com a proposta deleuziana, também sugere uma reavaliação profunda da ontologia tradicional que também aparecerá aqui como alicerce do entendimento dessa nova imagem do pensamento, no entanto, exercida possivelmente sob a condição de aliança com outros pensadores.

Embora possa parecer precoce ainda neste texto, é imperativo destacar que essa crítica ao pensamento aristotélico, desdobra-se em uma significação mais abrangente quando analisada à luz da obra *Espinosa e o Problema da Expressão* (2017) de Gilles Deleuze. Nesse contexto, Deleuze realiza um confronto, em certo sentido, entre Baruch Espinosa, René Descartes e G. Leibniz, baseando-se, sobretudo, nos conceitos de univocidade do ser. Essa obra é um marco crucial para a compreensão das implicações do pensamento de Deleuze na crítica ao pensamento aristotélico. Deleuze argumenta que Espinosa, com sua concepção de substância e a afirmação da univocidade do ser, oferece uma alternativa radical ao paradigma aristotélico e à visão hierárquica das categorias. Um exemplo disso seria a própria univocidade do ser, que conforme entendida por Espinosa, estabelece que todos os entes compartilham a mesma essência, o que rompe com a tradição aristotélica de categorização hierárquica.

Essa abordagem revela-se como uma crítica contundente ao pensamento aristotélico, na medida em que questiona a noção de categorias estabelecidas mediante a graus diferentes de ser e destaca a unidade ontológica subjacente a todos os seres. Deleuze (2017) explora justamente como Espinosa subverte as concepções de substância, atribuindo uma dimensão de univocidade a tudo o que é, o que implica uma mudança profunda nas compreensões possíveis a respeito da própria realidade. Portanto, ao considerar Espinosa, Deleuze enriquece sua crítica ao pensamento aristotélico, demonstrando como o pensamento de seu aliado e seu respectivo compromisso com a univocidade do ser, fornece uma base sólida para desafiar a hierarquização aristotélica e redefinir as categorias filosóficas em termos de igualdade ontológica.

Por fim, no que diz respeito à Descartes, Deleuze realiza uma crítica que vem a integrar fundamentalmente seu pensamento, como bem pode ser analisada em detalhes em sua obra *Diferença e Repetição* publicado em 1968. Há aqui um questionamento da filosofia cartesiana, no entanto mais particularmente direcionada a noção de identidade, que ele vê como uma das pedras angulares do pensamento clássico. Descartes é conhecido por sua famosa afirmação *Cogito, Ergo Sum*, que pode ser frequentemente interpretada como a fundação do conhecimento e da identidade. Deleuze argumenta que o *Cogito*, ao afirmar a identidade e a unidade do sujeito pensante, estabelece uma base para o pensamento que é limitada; ou seja, ele vê o *Cogito* como uma afirmação da identidade do sujeito pensante; o condicionamento do “eu penso”, como fundação sólida para o edifício do conhecimento. No entanto, Deleuze argumenta que essa identidade é ilusória. Para ele, a identidade não é o princípio fundamental da realidade, mas sim a diferença. Ele promove a ideia de que a realidade é caracterizada por uma multiplicidade de diferenças, em oposição à unidade e à identidade. Essa crítica ao *Cogito* cartesiano representa em mais um caso, a recusa deleuziana em aceitar a identidade como um ponto de partida para o pensamento. Portanto, a crítica ao *Cogito* cartesiano é uma crítica também, antes de mais nada, à ideia de que o pensamento deve começar com a afirmação de um sujeito pensante.

CAPÍTULO 2: POR UMA NOVA IMAGEM DO PENSAMENTO

2.1 OU, POR UM PENSAMENTO SEM IMAGEM

Tudo isso até aqui foi dito no intuito de evidenciar qual tipo de imagem do pensamento, seu fundamento e lógica, Deleuze não apenas se opõe, mas também, propõe algo capaz de dela escapar. De atuar de forma diferente; para que possa haver a chegada a novos territórios. Como uma alternativa a esse tipo de imagem moral do pensamento, Deleuze nos apresenta o que descreve em *Diferença em Repetição* (2018) como um “pensamento sem imagem”, que

posteriormente ele desenvolve e define como uma “nova imagem do pensamento”. Essa nova imagem do pensamento oferece uma abordagem que escapa ao tradicional modelo de representação associado à imagem dogmática. Sobre essa nova imagem do pensamento Deleuze diz:

“Uma nova imagem do pensamento significa inicialmente o seguinte: o verdadeiro não é elemento do pensamento. O elemento do pensamento é o sentido e o valor. As categorias do pensamento não são o verdadeiro e o falso e sim o nobre e o vil, o alto e o baixo, segundo as naturezas das forças que se apoderam no próprio pensamento. (DELEUZE, 1976, p. 86)”

Uma nova imagem do pensamento, antes de tudo, implica um engajamento radical com as intensidades que atravessam cada signo, muito mais do que com qualquer estruturação finalística a ele imposta. Nessa concepção inovadora, o pensamento rompe com qualquer vínculo à verdade; o signo não é apenas reconhecido, mas sim traduzido e maquinado incessantemente. Segundo Deleuze (2010), ele se configura como um plano liso, desprovido de estratos, estendendo-se ao infinito. Nesse contexto, as potências que perpassam e se entrelaçam tornam-se as verdadeiras forças motrizes, moldando o pensamento de maneira fluida e contínua, afastando-se das fixações tradicionais da ideia de verdade e abrindo caminho para um campo de multiplicidades. Essa nova imagem do pensamento representa também inevitavelmente um certo tipo de audácia: a de fazer existir novos territórios do e para o pensamento. Acerca dessa nova imagem do pensamento Deleuze também afirma em “Diferença e Repetição” (2018, p. 131):

“Ela encontraria sua diferença ou seu verdadeiro começo não num acordo com a Imagem pré-filosófica, mas numa luta rigorosa contra a Imagem denunciada como não-filosofia. Ela encontraria, assim, sua repetição autêntica num pensamento sem Imagem, mesmo que fosse à custa das maiores destruições, das maiores desmoralizações, e com uma obstinação da Filosofia que só teria como aliado o paradoxo, devendo renunciar à forma da representação”

É preciso também dizer que essa oposição que tanto é referida aqui, a respeito dessas duas imagens do pensamento, essas que se dizem de espaços muito específicos, não adotam como forma um tipo de operação dialética, e isso deve ao fato de o propósito não residir na busca por uma verdade que se sustenta por direito, mas, ao invés disso, adere a uma abordagem sintagmática. Tal abordagem busca desencadear uma desterritorialização dos fundamentos preexistentes da imagem dogmática, possibilitando, assim, a gênese da possibilidade de novas construções conceituais.

Enquanto a imagem moral esboça um território conceitual que parece se estender verticalmente em busca das ideias transcendentais em um tipo de “firmamento filosófico”, a

proposta deleuziana, à luz dessa nova imagem do pensamento, se aventura a explorar as profundezas numa outra direção: a de um solo. Fazendo uma antítese à imagem-arborescente que alça seus ramos em direção aos céus, essa nova imagem traça um itinerário rizomático; e até subterrâneo. Em vez de ascender em direção ao ideal, ela mergulha nos “platôs” da experiência, fazendo da atividade filosófica um tipo de “topografia conceitual” que se desenrola horizontalmente, explorando novos territórios, suas conexões e possibilidades. Esse movimento que se dá pela terra, rizomática e subterraneamente representa uma virada, o afastamento do modelo hierárquico e unidirecional da representação para abraçar a multiplicidade; a imanência.

Outro ponto a não se esquivar é que, quando Deleuze se debruça sobre o conceito de pensamento, é imperativo discernir que esse termo não deve ser confundido com a noção de imagem do pensamento. A imagem do pensamento preexiste ao próprio ato de pensar, configurando-se como um plano de imanência inerente à atividade filosófica. Nela, residem coordenadas e dinamismos que não apenas orientam, mas também delineiam os contornos do pensamento. Segundo ele:

“A imagem do pensamento é um movimento infinito que acompanha o pensamento, nela estão contidas todas as possibilidades. É um movimento infinito, pois não há um começo e fim, enquanto o conceito é acontecimento, a imagem do pensamento é o horizonte dos acontecimentos imanente ao filósofo” (DELEUZE, 2010, p. 46).

Em Deleuze, o ato de pensar transcende a mera tarefa de reconhecer passivamente o que se apresenta pronto para ser objeto de um sujeito pensante. Ao contrário, ele concebe o pensamento como uma atividade que demanda a constante germinação de novas perspectivas e uma abertura contínua à cada acontecimento. Essa abordagem implica em uma mudança nos modos de vida a partir da própria vivência. Neste ponto parece residir a chave para liberar a plenitude da potência de um pensamento, na medida em que este se torna um instrumento de afirmação da vida em sua totalidade. Entretanto, afirmar a vida não se restringe a um mero ato de aceitação resignada diante das circunstâncias, mas sim a um processo de confronto. Isso requer a criação de estratégias de resistência. Essa perspectiva revela a distinção fundamental entre as duas imagens do pensamento delineadas por Deleuze. Enquanto uma busca consolidar o pensamento, proporcionando-lhe um encerramento, a outra, mais radical (ou melhor, revolucionária), se abre para o que muitas vezes é pré-concebido como impensável, desafiando constantemente as fronteiras do já conhecido e abrindo caminho para a criação de novos territórios conceituais.

É imprescindível ressaltar que, apesar da aparente delimitação desta discussão ao âmbito epistemológico, a perspectiva de Deleuze transcende os limites da teoria do conhecimento e se estende até suas implicações políticas. Em Deleuze, política e criação estão intrinsecamente entrelaçadas em uma constelação conceitual. O pensamento desprovido de imagem, ao se desvincular de fundamentos morais e se recusar a se encaixar em premissas preexistentes, emerge como um ato revolucionário. A prática política, sob a perspectiva deleuziana, despoja-se do propósito de buscar uniformidade e reconhecimento, priorizando, em vez disso, a criação de um espaço conceitual onde novas possibilidades de vida possam proliferar. Este território, no qual se abrigam constantes reinvenções, é sustentado pela instauração de um pensamento que concebe a diferença como uma força autônoma. Portanto, atua a diferença não como mera noção abstrata, mas como força que irrompe, por si só, gerando um campo de possibilidades.

Assim, a abordagem de Deleuze transcende o âmbito meramente intelectual, constituindo-se como uma chamada à ação política e criativa. Ela convoca a construção de espaços de resistência e experimentação, onde as estruturas convencionais cedem lugar à emergência do novo, à exploração de territórios desconhecidos. Esse é o cenário no qual o pensamento sem imagem se manifesta como uma força revolucionária, impulsionando uma reconfiguração profunda de uma filosofia também política, em uma interação simbiótica que reflete a inegável complexidade da visão deleuziana aqui retomada.

2.2 NIETZSCHE E ESPINOSA: ALIADOS INDISPENSÁVEIS

Tudo o que foi dito até aqui foi para retratar a que tipo de imagem e respectivo espaço do pensamento Deleuze se opõe. Uma explicação comumente usada para retratar tais espaços do pensamento é dizer que o primeiro deles, o dogmático, âmbito da representação, é entendido como um “espaço estriado”, e, é caracterizado pela presença de linhas, divisões e estruturas que organizam e limitam o movimento. Marcado pela regularidade, hierarquia e segmentação, esse tipo de espaço está sempre associado a estruturas rígidas, como por exemplo cidades, estados, instituições e sistemas de controle. Já o nomeado “espaço liso”, por outro lado, é caracterizado pela ausência de linhas que operam por divisão e estruturas rígidas. É um espaço de multiplicidade, conexões e possibilidades de movimento sem que exista restrições. Esse tipo de espaço está associado a áreas naturais, desertos, oceanos e, filosoficamente, à ideia de um espaço de liberdade e experimentação; o espaço onde a diferença pode habitar sem nenhuma resignação a identidade, como também, a uma operação dada pela lógica da representação.

Espaço este, onde a irracionalidade é aceita, em nome da possibilidade de se permear novas lógicas.

Deleuze é o pensador da aliança, e, para além de se deslocar para um outro território do pensamento, ele o faz sempre mediante uma aliança com aqueles que o ajudariam a forjar seu próprio pensamento, isso não contando apenas com elementos e pensadores do círculo filosófico, mas também com outros pensadores e conceitos de contextos variados como cinema e literatura. Com relação aos autores que de modo mais forte foram convocados por Deleuze para povoarem o território para o qual ele pretende se deslocar destacam-se Nietzsche e Espinosa. O *modus operandi* peculiar do pensamento deleuziano destaca-se pela natureza de seus agenciamentos. Enquanto Deleuze empreende interpretações específicas de diversos autores em suas obras, ele evita reduzir a pluralidade dos autores que estuda a um sistema fechado ou a um conjunto limitado de afirmações. Em seu percurso intelectual, Deleuze tem a capacidade de situar, por exemplo, Espinosa e Nietzsche como companheiros, tudo isso, pelo plano que ele agencia; que ele instaura. Forja.

Este é um traço distintivo da abordagem deleuziana e só é possível mediante ao fato que aponta para o cume deste texto: o pensamento de Deleuze é geográfico muito mais do que histórico. Em suas investigações, ele privilegia o desdobramento “topográfico” em vez de uma abordagem estritamente cronológica. Nesse sentido, Deleuze não dá primazia a Nietzsche, à esfera do humano e ao finito em detrimento de Espinosa, à divindade (ou a uma substância única) e ao infinito. Ele busca a síntese dos pensamentos divergentes, operando em um espaço onde a diferença é o fio condutor. Certamente, é possível identificar uma escrita com teor historiográfico da filosofia nas obras de Deleuze, porém, é imperativo para ele que essas análises ocorram no contexto da diferença, ou seja, que não se desvinculem de uma perspectiva geográfica e por isso mais ampla.

Em diferentes obras, como *Diferença e Repetição* (2018), “*Nietzsche e a Filosofia*” (2014), *Lógica do Sentido* (2015) dentre outras, Deleuze aborda essa questão de diferentes maneiras. Ele recorre aos seus aliados para construir seu próprio sistema de pensamento, seu “teatro filosófico”, no qual, a diferença é a chave de compreensão. Através de conceitos como o “eterno retorno”, “imanência” e “devir”, Deleuze também faz passar a diferença neste espaço do pensamento.

Em sua obra, Deleuze faz um uso expressivo do conceito espinozista de “afeto” como também de uma compreensão encontrada por ele em Espinosa de uma substância única e infinita como base da realidade. Espinosa (2013) propõe que tudo o que existe é uma manifestação dessa única substância; Deleuze aproveita essa construção conceitual para rejeitar noções tradicionalmente dualistas e para sustentar que não existe um além da realidade, mas apenas diferentes modos de expressão dessa mesma substância. Em suma, Deleuze forja um pensamento em conjunto com seu aliado; o entendimento de que o mundo da vida é composto por uma multiplicidade de modos, todos pertencentes ao mesmo plano. Isso vai justamente de encontro justamente com seu projeto de se deslocar para esse “espaço liso” do pensamento, onde as fronteiras e as dicotomias tradicionais se dissolvem em favor de uma concepção fluida e não hierárquica.

Essa aliança com Espinosa permite a Deleuze afirmar que o pensamento e o mundo estão imersos na mesma substância, o que significa que o pensamento não está separado da realidade, mas é uma parte intrínseca dela. Isso implica que não há necessidade de transcendência, ou de pensamento que opere na busca de verdades universais ou categorias fixas, como proposto por filósofos da representação. Em vez disso, Deleuze sugere aliando-se de Espinosa que o pensamento deve operar em um espaço liso, onde as ideias e posteriormente os conceitos se conectam e fluem livremente, sem as restrições impostas pela operação de uma lógica da representação.

No caso específico da aliança com Nietzsche, grande marco da trajetória filosófica deleuziana, talvez não haja erro em afirmar que ela se torna o crivo pelo qual Deleuze irá fazer seus agenciamentos. No que tange especificamente a compreensão dos espaços do pensamento e a possibilidade desse espaço específico em que a diferença é uma possibilidade por si, é impossível alienar-se da interpretação que Deleuze traz para dentro do seu próprio pensamento das ideias de afirmação da vida, transvaloração dos valores e a consequente crítica a uma moral do ressentimento, “vontade de potência” e claro, o que talvez mais se aproxime do intuito deste texto: o conceito de “eterno retorno”. Ao se apropriar deste conceito, não o faz de maneira acrítica. Em vez disso, ele o reinterpreta à luz de sua filosofia da diferença, principalmente sob a influência da leitura idiossincrática que faz do próprio Nietzsche. Para Deleuze (2018), o eterno retorno de Nietzsche não é uma mera repetição do idêntico, mas sim uma repetição da diferença, onde a ênfase repousa sobre a singularidade.

Roberto Machado⁶(2009), ajuda a elucidar essa interpretação. Ele aponta que, para Deleuze, o eterno retorno de Nietzsche é uma forma de “passar além” do dualismo tradicional entre o idêntico e o diferente. O eterno retorno introduz a ideia de uma pluralidade que não se reduz a identidades fixas. Assim, o que retorna não é uma cópia exata do passado, mas sim uma variação de teor singular. Segundo Machado (2009), essa interpretação de Deleuze se encaixa perfeitamente em sua proposição de uma filosofia da diferença. Ele entende a realidade como uma multiplicidade, um campo de forças em constante devir, e o eterno retorno se torna uma expressão dessa multiplicidade, ou seja, o que retorna são as variações singulares das forças em ação.

Sob uma perspectiva deleuziana, o conceito do eterno retorno, tal como proposto por Nietzsche, emerge como o auge da insurgência contra o platonismo, figurando, por conseguinte o que se almeja como uma crítica contundente à filosofia da representação. Em virtude da sua natureza intrínseca, o eterno retorno não pressupõe a equivalência ou a semelhança, mas sim celebra o que difere. Deleuze, astutamente, identifica em Nietzsche o mais valioso dos aliados no empenho de romper com um espaço estriado do pensamento. Nietzsche, através do eterno retorno, propõe uma cosmovisão que desafia a visão até então estática da ontologia platônica e propõe um espaço onde a operação seja dada pelo dinamismo próprio do devir. Em dado momento, em *Diferença e Repetição* (2018), é possível notar como o pensamento de Nietzsche, interpretado numa perspectiva em que a repetição da diferença aparecendo como ponto fundamental, torna-se essencial para a crítica deleuziana a essa imagem dogmática do pensamento e a sua lógica de operação:

“Sentida contra as leis da natureza, a diferença na vontade de potência é o objeto mais alto da sensibilidade. Pensada contra as leis do pensamento, a repetição no “eterno retorno” é o pensamento mais alto. A diferença é a primeira afirmação, o eterno retorno é a segunda, ‘eterna afirmação do ser’, ou a enésima potência que se diz da primeira. É sempre a partir de um sinal, isto é, de uma intensidade primeira, que o pensamento se designa. Através da cadeia interrompida ou do anel tortuoso, somos conduzidos violentamente do limite dos sentidos ao limite do pensamento, do que só pode ser sentido ao que só pode ser pensado” (DELEUZE,2018; p. 231)

Deleuze deixa a percepção de que é justamente em Nietzsche que surge o primeiro sussurro de uma Geofilosofia; ou seja, o primeiro filósofo moderno a experimentar a força geográfica na elaboração do pensamento, principalmente quando é tomado o recorte de um dado momento em que o filósofo empreendeu uma investigação profunda com o intuito de

⁶ Machado se tornou um dos principais responsáveis pela recepção no Brasil do pensamento de Friedrich Nietzsche, Michel Foucault e Gilles Deleuze. Dos dois últimos, ele foi aluno em Paris nos anos 1970, experiência que diz ter contribuído para definir tanto sua postura intelectual.

delinear um tipo de essência nacional das respectivas filosofias francesa, inglesa e alemã.⁷ Nesse processo e contexto, o que ficou evidente, é que a filosofia se “reterritorializou”, ancorando-se nos limites do Estado nacional e nas particularidades do espírito daqueles povos, um movimento que, de certa forma, contribuiu para reconfigurar as trajetórias do pensamento nietzschiano. Entretanto, a Geofilosofia concebida por Gilles Deleuze em conjunto com Félix Guattari, se deixou imergir no fluxo do devir do que havia também de próprio no próprio pensamento de seu aliado. Nesse contexto, é como se estivessem sintonizados com as palavras proferidas por Zaratustra:

“O além-do-homem é o sentido da Terra. Que vosso querer diga: seja o além-do-homem o sentido da Terra! Eu vos conjuro, meus irmãos, à Terra sede fiéis”(NIETZSCHE,2011 p.3

2.3 ESPAÇO LISO DO PENSAMENTO > ESPAÇO ESTRIADO

Foi necessário percorrer todo esse caminho para que fosse possível uma maior aproximação com o cume teórico o qual esse texto pretende perpassar. Junto com Felix Guattari, Deleuze escreveu três obras nas quais residem alguns conceitos fundamentais para o recorte aqui pensado. Alguns desses conceitos apresentados são: *Corpo-sem-órgãos*, *multiplicidade*, *desterritorialização* e seu par *reterritorialização*, e, por fim, *Geofilosofia*. Todos, entrelaçados e pertencentes a teia conceitual construída com o desejo de ser uma máquina operada à quatro mãos. É interessante pontuar que mesmo tendo se debruçado a escrever sobre diversos autores, sempre fazendo com que eles caminhassem a favor da linha que se almejava traçar, seja na direção de diversos temas como capitalismo, psicanálise e cinema; o pensamento de Deleuze e agora, aqui em conjunto com Guattari, jamais deixou de ser marcado também por uma constante exploração e reconfiguração destes temas e conceitos retomados. No entanto, em meio a essa diversidade, o que urge ao se constituir todo este fio condutor, é que toda essa territorialidade parece ser percorrida por um certo tipo de unidade. Portanto, mesmo se deslocando para vários lugares, Deleuze e Guattari parecem sempre ter na mira o mesmo pressuposto e motriz: uma imagem do pensamento que remeta a um espaço onde a diferença possa habitar e operar a seus modos; tornando liberta assim a multiplicidade.

⁷ Talvez seja possível afirmar que, Deleuze em conjunto com Guattari conseguiram captar já no próprio Nietzsche uma certa operação de uma “cartografia” do pensamento.

Um exemplo que se pode destacar é a relação existente entre este espaço liso do pensamento e a noção de “corpo-sem-órgãos” em Gilles Deleuze e Felix Guattari, parte fundamental de todo o projeto filosófico dos autores. Ambos os conceitos estão intrinsecamente relacionados e desempenham um papel importante na forma como Deleuze e Guattari compreendem a subjetividade, e, a partir dela, a criação e a possibilidade da multiplicidade. O “corpo sem órgãos” é um conceito desenvolvido por Deleuze e Félix Guattari, particularmente em sua obra “O Anti-Édipo” publicada originalmente em 1972. Ele representa uma noção de corpo que não é definido por órgãos fixos e funções específicas, mas é entendido como um campo de intensidades e potencialidades. É um corpo que não está restrito à anatomia orgânica, mas que se estende além dela. Um corpo que está em constante devir. O espaço liso do pensamento, por sua vez, é uma extensão desse conceito. Representa um campo conceitual onde as ideias, conceitos e pensamentos não são limitados por estruturas fixas ou hierarquias rígidas. É um espaço que se assemelha a um território aberto e fluído, onde as fronteiras são porosas e as conexões entre conceitos são livres de restrições. É o oposto do referido “espaço estriado”, que é marcado por limites definidos e estruturas organizacionais. A relação entre o espaço liso do pensamento e o corpo sem órgãos em Deleuze e Guattari se dá também na possibilidade de se repensar as noções até então entendidas de subjetividade.

CAPÍTULO 3: FILOSOFIA A “LA TOUPEIRA ”

3.1:A FORÇA POSSÍVEL DE UMA GEOFILOSOFIA

A ideia desse “espaço liso” do pensamento em Deleuze exprime relação condicional para com sua concepção de Geofilosofia. Para compreender essa relação, é essencial contextualizar esse termo. Proposto por Deleuze e conjunto com Félix Guattari em *O que é a Filosofia?* (2010), tal projeto de entendimento visa mapear e explorar territórios conceituais e filosóficos de maneira análoga a forma como a própria geografia mapeia o espaço físico. A Geofilosofia é uma tentativa de criar conceitos, estabelecer conexões e explorar as potencialidades do pensamento por um outro viés; por um novo conjunto de força e fluxos. Nesse sentido, ela precisa se opor constitutivamente a projetos de sistemas filosóficos fechados e estruturas rígidas. Assim sendo, ela é, inerente e inevitavelmente subversiva, se assim já é possível afirmar de antemão.

O “espaço liso” do pensamento em Deleuze é a arena onde a Geofilosofia se desdobra. Esse espaço é caracterizado por sua fluidez, ausência de fronteiras rígidas e capacidade de

acomodar multiplicidades e diferenças. Nele, as ideias não estão presas a estruturas hierárquicas fixas nem a categorias. É um espaço onde o pensamento pode operar livremente, criando conexões que não estão restritas a concepções estruturadas pelos dualismos tradicionais. A relação entre esse espaço onde a diferença é possível e a Geofilosofia se manifesta na ideia de que o pensamento filosófico deve atuar numa exploração constante, através de um mapeamento de territórios conceituais em constante evolução. Assim, a Geofilosofia valoriza a imanência, a multiplicidade e a complexidade, em contraste com a rigidez da lógica da representação que caracteriza a filosofia tradicional.

Ao entender toda a filosofia como uma Geofilosofia, Deleuze (2010) destaca que o pensamento deve operar em um espaço onde as fronteiras conceituais desaparecem, onde o que aparece como ideia pode se entrelaçar livremente com qualquer elemento, desde que esse, seja interessante para o que se pretende pensar, e, onde a criação de novos conceitos é assim incentivada. Esse espaço é de potencialidades, terreno fértil para a produção de conceitos que desafiam e redefinem o pensamento no seu presente, mas sempre em vista de um possível, e com isso, as próprias possibilidades de modos de vida. É nesse espaço que a Geofilosofia de Deleuze e Guattari é germinada.

Em sua obra coletiva com Félix Guattari, Deleuze empreende uma abordagem singular ao explorar a relação intrínseca que, segundo eles, deve haver entre o pensamento e a terra. Rompendo com os paradigmas tradicionais que partem de uma concepção do pensamento como uma entidade distinta do corpo e da própria terra, onde as ideias são erigidas como estruturas separadas e a transcendência prevalece, os autores nos conduzem por uma trajetória especificamente profunda. Nesse percurso, eles afirmam em *O que é a Filosofia?* (2010) que os movimentos que moldam a própria terra de onde se pensa encontram eco no próprio ato de pensar e o que dele pode porvir. Em outras palavras, os movimentos da terra e do pensamento compartilham uma dinâmica comum, justamente por não se apresentarem como substâncias separadas e estanques. Para Deleuze e Guattari (2010), a terra, sob essa perspectiva, transcende sua concepção convencional como mero elemento entre outros, e, ao contrário, emerge como o ponto da convergência e aglutinação. De maneira manifesta, a adoção do pensamento geográfico, como o grande modelo de operação do pensamento, revela de modo iminente e incontestável um processo singular no contexto da experimentação da desterritorialização, uma relação que se estabelece com a própria terra de maneira peculiar. Esta, à medida que se desenrola, progressivamente se amplifica e adquire dimensões que atingem tal magnitude que,

no desenlace desse percurso, acaba por conduzir a própria experimentação dos autores em questão ao seu próprio ápice.

“A terra não é um elemento entre os outros, ela reúne todos os elementos em um mesmo abraço, mas se serve de um ou de outro para desterritorializar o território” (DELEUZE; GUATTARI, 2010b, p. 103).

Essa afirmação desvela a incessante e complexa operação da terra, caracterizada por dois movimentos intrincados e que dentro do plano de pensamento empreendido pelos autores, habitam como conceitos. Esses movimentos não podem ser compreendidos em termos de início e término definidos, ao contrário, estamos situados bem no meio desse processo em constante evolução. Talvez em Deleuze, a grande proposta seja a de um pensamento que habita o “entre”. A característica distintiva desse cenário é a operação contínua dessas duas dinâmicas.

É possível trazer à tona um outro fator utilizando uma temática continuamente retomada por Deleuze e Guattari: a aparente territorialidade do Estado, revela-se, sob a perspectiva deleuziana, como na verdade, intrinsecamente desterritorializante. O Estado, por exemplo, ao atribuir uma representação numérica a um espaço físico, desvincula-se de sua operação pela lógica geográfica, tornando-se aquilo que não é, mediante ao aprisionamento do que poderia ser um devir e transformando-o meramente em uma unidade matemática. Portanto, em Deleuze e Guattari (2010) também surge o entendimento de que a ação do Estado, nesse contexto, é a de codificar os fluxos que da própria terra emerge e se manifesta, numa tentativa de reconhecer e capturar cada instância de diferença, dado que, conforme enfatizado anteriormente, a diferença quando não subjugada, ameaça o próprio status que do Estado provém.⁸ Essa lógica de uma certa transcendência não se restringe ao âmbito estatal; ela se estende ao campo do pensamento como bem já foi dito. A transcendência conduz o pensamento em direção a figuras com pretensão de significação eterna e imutável. Assim sendo, tanto o Estado quanto o pensamento, são suscetíveis a essa tendência que engendra um movimento do pensamento sempre rumo a figuras predefinidas. Conforme anteriormente desenvolvido, é crucial destacar a oposição fundamental entre conceito e figura, pois é o primeiro, segundo Deleuze e Guattari (2010), que encarna o próprio processo de devir.

⁸ Percebe-se que os fluxos do projeto filosófico deleuziano sempre desaguam, em qualquer que seja suas operações, em um determinado fluxo com indissociável desdobramento de caráter político.

3.2 PEDAGOGIA DO CONCEITO: ONTOLOGIA DELEUZIANA?

O conceito se caracteriza é claro, em primeira instância, por uma palavra, sendo ela uma força que age como uma cifra, sendo os seus verdadeiros constituintes, conexões e interseções, os elementos definidores e facilitadores de um agenciamento. O conceito emerge com o propósito de reterritorializar um território, porém, não de forma estatizante ou estática, ele não quer capturá-lo, pois ele é inerentemente um componente desse incessante movimento. Captura-lo seria estancá-lo. E, talvez, a grande intenção e reivindicação (se assim é possível afirmar) do projeto aqui retomado, é de um pensamento-jorro.

“É aí que se pensa, não mais por figuras, mas por conceitos. É o conceito que vem povoar o plano de imanência. Não há mais projeção numa figura, mas conexão no conceito” (DELEUZE; GUATTARI, 2010b, p. 109).

Consoante a essa compreensão, a tarefa da filosofia, como afirmam veementemente Deleuze e Guattari (2010), consiste primordialmente na criação de conceitos. Cabe ressaltar que um conceito não se encontra isolado no fluxo de um determinado tempo, nem alcança um estado de completude absoluta; ele não é uma entidade transcendente, mas sim, sem força metafórica alguma: uma construção; que se diz mundo próprio daquele que o forjou. Dessa forma, o conceito possui raízes, essa é sua imagem; pertence a um plano particular e está inserido em “circunvizinhança” que lhe confere também significado.

A relevância desse ponto torna-se mais evidente quando se considera a confusão que pode eventualmente surgir quando vez ou outra se descontextualiza o conceito de seu plano original e se tenta empregá-lo em contextos diversos. Nesse processo, o conceito sofre uma cisão, passando a adquirir uma natureza diferente daquela que tinha originalmente. Isso se deve ao fato de que, para Deleuze e Guattari (2010), um conceito é intrinsecamente responsivo aos problemas que motivaram a sua criação, possuindo assim uma topografia própria, na qual o seu sentido se insere na troca de fluxos com sua vizinhança, com outras ideias e outros conceitos. É nesse ponto que se estabelece uma distinção fundamental entre o conceito e a figura. Enquanto a figura tende à transcendência, direcionando-se para um além do devir, o conceito, ao contrário, permanece ancorado no movimento próprio da terra, capturando a vitalidade possível desse processo, sem jamais desvincular-se dele, promovendo, assim, uma compreensão de mundo que se baseia na imanência e na relação intrínseca que há no entrelaçamento com os fluxos que compõe a realidade do vivido.

No que diz respeito a relação do pensamento com a terra em Deleuze e Guattari, é impossível se esquivar do tópico de uma proposta materialista que está também contida dentro

de todo esse projeto filosófico. Em certo sentido, apenas por um caminho que de algum ponto passe por entre um entendimento de um materialismo, seria possível levar além tais compreensões fundamentais. No entanto, é essencial compreender que, no contexto deleuziano, o materialismo não representa uma mera inversão da lógica dualista tradicional, mas sim a busca por uma transformação radical dessa lógica. Trata-se de estabelecer um novo território de pensamento, fundamentado em uma nova lógica, que promove a igualdade entre os domínios, tanto da matéria quanto do pensamento.

Essa “ontologia deleuziana”, se assim é possível se referir, exige essa perspectiva materialista precisamente porque, a prioridade historicamente concedida ao pensamento em detrimento da matéria e da materialidade, tem enfraquecido as possibilidades de um pensamento que opera a partir e não subordinado a diferença. A abordagem materialista de Deleuze busca, assim, reconfigurar a relação entre mente e corpo, superando a antiga hierarquia que outrora colocaria o pensamento como um elemento que tem primazia sobre a matéria. Essa perspectiva materialista possibilita assim um terreno filosófico onde a diferença é valorizada como um princípio fundamental, em vez de ser subjugada.

Michael Hardt, em sua obra “Deleuze, um aprendizado em filosofia” pontua muito bem a esse respeito no seguinte trecho:

“Com efeito, para contestar uma postura de uma ontologia idealista, não temos de passar radicalmente para o lado oposto e propor uma ontologia deontológica, mas, ao contrário, podemos buscar a tradição ontológica materialista como uma alternativa. Uma das vantagens de escolher essa alternativa é que ela nos permite extrair a produtividade e produtibilidade da natureza e, por consequência, a nossa potência de agir e o nosso poder de ser afetado. Uma ontologia materialista e positiva é acima de tudo uma ontologia da potência.” (HARDT, 1997; p.176)

A Geofilosofia de Deleuze e Guattari interage constitutivamente com a concepção materialista que permeia esse projeto de pensamento, justamente pelo fato de que ele se constitui a partir da inserção da terra como um “plano de imanência”. Esse plano de imanência não é um espaço transcendental, mas sim um espaço conceitual intrinsecamente material. Ele é composto por fluxos, intensidades e multiplicidades, destacando a importância de cada contexto da realidade na construção produção de pensamento.

Nesse sentido, a relação do pensamento com a terra no pensamento deleuziano emerge como a articulação fundamental para existência do próprio projeto de filosofia que ele pretende, indo além das meras opiniões, da mera contemplação ou da reflexão passiva. A Geofilosofia é, de fato, e poderia sua lógica de operação ser definida como: a afirmação da potência do meio.

O meio, concebido aqui não apenas em sua dimensão física, mas também como todo um complexo conjunto de relações, intensidades e multiplicidades que constituem o tecido mesmo do mundo e da própria existência. A filosofia, conforme delineada por Deleuze e Guattari (2010), manifesta-se como uma Geofilosofia devido a uma vontade de lançar à jogo um empreendimento que possa transcender um tipo de construção de pensamento que se restrinja ao mero discurso abstrato. Assim, há como proposta um entendimento de projeto filosófico que não seja apenas uma atividade intelectual, mas uma prática enraizada no movimento incessante da vida, na interconexão com o entorno, nas possibilidades de imersão nas complexas redes de intensidades e afetos que compõem a realidade do solo em que se habita e se pensa. Esses próprios requisitos são, para Deleuze e Guattari (2010) os que formam no conceito, suas características mais básicas e que o constituem na relação existente entre um problema ao qual ele se diz e ao plano de imanência que o possibilita. O conceito só pode ser criado em um plano de imanência; o plano de imanência só pode ser traçado por um personagem conceitual; o personagem conceitual habita um plano, se desloca sobre ele extraíndo conceitos. Um conceito não nasce para encontrar a verdade, mas simplesmente por consistência. A terra oferece este plano imanente que permite ao personagem conceitual criar conceitos. Em seu cerne, a partir desse entendimento, ela, a Filosofia, pode se apresentar como um antídoto contra o caos, ou melhor, uma possibilidade de recortá-lo, não como uma salvaguarda vã, mas como uma salvaguarda ativa e possivelmente eficaz.

Nesse contexto, é feito pelos autores a introdução a uma concepção de um movimento de caráter nômade que deve perpassar a postura filosófica. O personagem conceitual emerge como um agente que engendra conceitos em constante fluxo, à medida que, ele próprio, se encontra em um estado de contínuo movimento. Dinâmica esta, que se desenrola sobre um plano de imanência igualmente em movimento. O próprio conceito é representado como um movimento infinito; por isso passar a existir aqui inevitavelmente, um certo tipo alusão a um ponto de partida que parece evocar de alguma maneira os primórdios da filosofia, onde havia uma centralidade que residia na busca da *Arché*. Os primeiros filósofos mantinham uma relação intrínseca com a natureza que os cercava, como exemplificado em Tales e/ou Heráclito, para citar alguns. Portanto, para Deleuze (2010), pensar só se faz sob um solo, e, por isso filosofar é então envolver-se em uma relação profunda com ele. Com o lugar. Com o meio.

“A filosofia foi uma coisa grega, embora trazida por migrantes. para que a filosofia nascesse, foi preciso um encontro entre o meio grego e o plano de imanência do pensamento” (DELEUZE; GUATTARI ,2010; p. 112)

Esse retorno ao princípio também implica na constante negociação de territorializações, desterritorializações e reterritorializações, revelando a inerente fluidez e mutabilidade do próprio pensamento filosófico. O pensamento ocorre exclusivamente em uma superfície; numa terra; atendendo ao anseio dos primeiros pensadores gregos e sendo retomado por Deleuze e Guattari. Pensar é residir mesmo que temporariamente sobre um determinado solo, é relacionar-se com aquilo que a terra produz num determinado instante e num outro talvez não mais, retirando dela assim seus incessantes e infinitos movimentos. Em Deleuze, a filosofia se vê compelida a resistir à inércia, à lentidão, à imobilidade. Para ele, a potência de uma filosofia como criação e criação de conceitos, é a de ser o instrumento contra um possível estancamento do pensamento; assim, a criação de conceitos seria a arma por excelência contra uma “mentalidade sedentária”.

Quando em *O que a Filosofia?* (2010), Deleuze e Guattari evocam o prefixo *Geo*, é com todo peso que este pode ter para assim se desdobrar na operação de um despojamento da própria história do papel de protagonista que lhe foi concedido; de regente suprema; intitulada como a instância que guarda e também dirige o curso da realidade. A história, para Deleuze e Guattari (2010), de maneira constante, é meramente um evento posterior, incapaz de abarcar as forças ainda veladas que se movem silenciosamente e reconfiguram o nosso mundo. Os autores lançam uma crítica incisiva em direção ao historicismo; contudo, é imperativo notar que esta crítica não se dirige a História em si. A ressalva, como habilmente ponderado em *O que é a Filosofia?* (2010), reside no fato de que eles mantinham um profundo apreço pelo que se entende como História universal, mesmo que suas atenções estivessem irremediavelmente voltadas para os componentes geográficos, as territorialidades e os complexos movimentos de desterritorialização que permeiam inclusive o que se entende como tecido histórico.

Como escreve Roberto Machado (2009, p.9), a característica mais elementar da filosofia de Deleuze:

“[...] é o fato de ela se propor mais como uma geografia do que propriamente como uma história, no sentido em que, para ela, o pensamento, não apenas e fundamentalmente do ponto de vista do conteúdo, mas de sua própria forma, em vez de constituir sistemas fechados, pressupõe eixos e orientações pelos quais se desenvolve. O que acarreta a exigência de considerá-lo não como história linear e progressiva, mas privilegiando a constituição de espaços”

A construção conceitual, seja ela voltada para o âmbito do pensamento das ciências, da arte ou da filosofia, emerge como um processo intrinsecamente contingente e imprevisível. Destarte, a criação de conceitos não pode, em hipótese alguma, ser reduzida a um certo processo oriundo de um determinismo historicista. Nesse contexto, é preciso destacar que dentro do

pensamento deleuziano, é posto a necessidade que existe de emancipação de uma espécie de “jugo” da história, tal qual concebido por figuras emblemáticas como Hegel⁹ e Heidegger¹⁰, os quais concebem a história como uma forma de interioridade, restringindo-a a limites estreitos e subjugando-a também a uma rigidez de possíveis categorias conceituais.

“A filosofia é uma Geofilosofia, exatamente como a história é uma Geo - história do ponto de vista de Braudel: por que o capitalismo em tais lugares e em tais momentos, por que não na China a tal outro momento posto que tantos componentes ali estivessem presentes? A geografia não se contenta de fornecer uma matéria e lugares variáveis à forma histórica. Ela não é somente física e humana, mas mental, como a paisagem. Ela arranca a história ao culto da necessidade, para fazer valer a irreduzibilidade da contingência. Ela a arranca do culto das origens, para afirmar a potência de um ‘meio’. (DELEUZE, 2010; p. 115).

Portanto, em contraposição a esses fatos, fomenta-se devires, crê-se na força do anacrônico, do imprevisto, numa potência da surpresa. Para os autores, é necessário pensar como alguém que se interessa em detectar o que se revela anômalo, além dos limites da história; filosofar a partir dessa ótica, nesse novo espaço do pensamento, em Deleuze e Guattari (2010), é forjar o a-histórico, dar à luz o que jamais fora esperado. O ato de pensar não consiste na mera revelação do conceito, não é uma mera exposição do desenrolar da história, tampouco se resume a uma simples abertura da interioridade do sujeito.

“Agir contra o passado, e assim sobre o presente, em favor (eu espero) de um porvir – mas o porvir não é um futuro da história, mesmo utópico, é o infinito agora [...] o intensivo ou o intempestivo, não um instante, mas um devir” (DELEUZE; GUATTARI,2010; p.135)

Na leitura de *O que é a Filosofia?* (2010) fica evidente que, aderir a uma Geofilosofia, é fazer do pensamento um trabalho topográfico, de campo, intensivamente; contornando os pressupostos de uma outra imagem, a dogmática, em que operava a introspecção, a reflexão e a contemplação. O pensamento, segundo os autores, não se submete a esses propósitos. O filósofo nunca inicia uma discussão sobre um conceito com algum tipo de “achismo”, uma vez que a filosofia, pela ótica deleuziana abomina a mera opinião. Para Deleuze (2010) essa topografia do pensamento se distancia da interioridade e da contemplação. Não se trata de olhar para dentro de si mesmo em busca de respostas definitivas, mas de se aventurar nas superfícies móveis do conhecimento. A filosofia deleuziana é uma prática que envolve a exploração de conceitos em constante movimento, onde as linhas de fuga e as conexões imprevistas

⁹ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. A razão na história. Leya, 2013.

¹⁰ (NUNES, Benedito. Heidegger & Ser e tempo. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002.)

desempenham um papel fundamental. O que leva o pensamento a se tornar digno de ser pensado é a capacidade que ele cria de sair de si mesmo e se engajar em encontros que possam aumentar ou diminuir sua potência. Assim, a filosofia se torna como mais uma forma de pensamento, também uma entre outras formas de experimentação de vida. Em suma, um pensamento filosófico que se quer topográfico, se constrói num convite a criação de conceitos, que não se prendem ao passado, mas apontam para o porvir. É uma prática de resistência à um pensamento sedentário como também ao dogmatismo.

Em *O Anti-Édipo* (2010), Deleuze e Guattari afirmam que sempre preciso questionar as imagens que são colocadas em jogo a respeito da filosofia (ou como dizem, “das filosofias”), principalmente quando elas são trazidas como imagens com caráter dogmático, em que, a única operação, parece ser a de colocar a filosofia num campo não só distinto dos outros saberes (ou formas de criação de pensamento) mas também como uma espécie de “juri da razão”, mediante a isso, eles se unem as palavras de Nietzsche (2019) mais uma vez ao reiterar que é preciso ser um pensador em certo sentido, por acaso.

Não à toa, é preciso evocar mais um dos personagens desse projeto filosófico: o nômade. É interessante como o pensamento deleuziano suscita personagens conceituais que servem como funcionários da operação a que esse pensamento pretende. Sendo ele, intrinsecamente constituído pela relação com a terra, o convite ao pensador não é para encarnar o sacerdote ou o asceta, mas sim, o geógrafo, o topógrafo, o botânico e também, como foi dito a pouco, o nômade; em contraposição a figura do sedentário; aquele que tem uma relação não só de domínio, mas de interesse na fixidez e habitação permanente em um determinado território.

“Ter feito do pensamento uma potência nômade. E mesmo se a viagem for imóvel, mesmo se for feita num mesmo lugar, imperceptível, inesperada, subterrânea, devemos nos perguntar quais são nossos nômades de hoje?” (DELEUZE, 1996; p.328)

3.3 A PERFORMANCE NOMADE COMO EXPRESSÃO DE UM PENSAMENTO DA DIFERENÇA

Em *Mil Platôs* (2012), encontramos a figura do Nômade, um termo conceitual que extrai sua origem de diferentes raízes linguísticas. "Nômade" tem sua raiz no latim *nomas* que remete a um indivíduo que é “errante, sem destino”, evocando a imagem de um corpo que não possui residência fixa, um alguém que vaga por desertos e espaços abertos, sem um ponto de ancoragem definitivo. A palavra também pode eventualmente remeter ao conceito grego *nomos*, que se traduz comumente como “partilha” ou “distribuição”. Isso sugere uma ordem ou um

princípio que dita como um efeito se desdobra, se desenvolve e se distribui. Para Deleuze e Guattari, principalmente tomando *Mil Platôs* (2012), o Nômade assume uma dimensão ontológica peculiar. Eles se interessam por um *nomos* que se distribui em um território, mas sem depender de uma lei preexistente para sua afirmação. Essa ontologia parece permear conceitualmente toda a obra. O Nômade é aquele que se espalha, se distribui no ato de sua própria manifestação no mundo. Um pensamento nômade, por sua vez, encontra sua definição no agenciamento das próprias relações que estabelece, não em essências ou ideias preexistentes.

Partindo de Deleuze e Guattari, o cerne de uma filosofia entendida como nômade, reside na noção de que, segundos eles, o pensador se faz nos encontros. Nada requer uma essência anterior a ser seguida, e não há necessidade de uma subjetividade predefinida. A verdadeira essência se manifesta nos encontros. Portanto, não se faz necessária uma lei transcendente para mediar tais relações, nem alguma espécie de “demiurgo divino” para ditar como as coisas da realidade devem interagir. O Nômade compreende que todas as diretrizes estão intrínsecas aos próprios encontros, onde tudo é inerente. Dessa forma, não há nenhuma dependência de imposições externas para orientar as relações, pois seu próprio conhecimento revela que as coisas se definem por si mesmas nos intrincados desdobramentos das relações que estabelece com cada território em que chega, habita enquanto lhe cabe, e depois parte. A filosofia nômade é como afirmam Deleuze e Guattari (2010), a filosofia daquele que se relaciona com a terra a partir do que ela suscita, portanto, sai de cena dominação e fixidez, substituídos pelo fluxo e pelo desejo.

O pensamento nômade, revela-se como um processo de encontro constante, mais do que uma mera busca. Encontro esse que viabiliza novos processos de subjetivação seja como blocos de realidade ou como manifestações de força artística. Há aqui portanto, na proposta de pensamento deleuziano, uma estética que se pretende pensamento, justamente por dizer respeito a relação com um acontecimento real, antes do que uma busca pela verdade. É um pensamento que se desloca para uma prática filosófica implicada e múltipla. Talvez seja mediante a uma influência nietzschiana que os autores puderam visualizar a possibilidade de uma concepção de “sujeito nômade” cuja subjetividade é um ponto sempre intermediário, entre suas maquinações inconscientes e as influências culturais que o rodeiam. Esse sujeito habita um espaço de contradições que escapa à consciência e à razão. O sujeito nômade é, em si, uma imagem performativa; Machado (2009) afirma que, em Deleuze, é nessa possibilidade quase “dramática” que pode acontecer uma liberação das potências que dessa operação decorre;

diferenciando-se assim do paradigma de um pensamento dominante e molar. O pensador nômade é em Deleuze e Guattari, inevitavelmente, um agente político.

O nômade entendido dessa forma, como o *performer* elegido por esse espaço liso do pensamento, se insere em uma concepção talvez pós-metafísica de subjetividade. Ele não é visto como uma identidade estática e fixa, mas sim como um cruzamento de variáveis e interações que envolvem diversos planos não só de subjetivação, mas também da própria experiência. Para Deleuze (2012) ele é uma convergência de forças e variáveis da própria terra em que habita em constante devir; uma individuação múltipla que ultrapassa a tradicional categorização dicotômica entre corpo e mente; que caracteriza um espaço estriado do pensamento; lugar esse, que elege o sedentário como imagem performativa. Para os autores, o sujeito nômade é um ponto de encontro no “entre” da experiência.

É inegável que se tratando da compreensão de um pensamento que se constitui numa relação intrínseca com a terra, que a vida, em sua essência, necessita de processos de territorialização para que possa emergir; no entanto, é importante ressaltar que aqui ela jamais renunciará à sua potência de desterritorialização, a qual se manifesta como uma força inquisitiva, constantemente questionadora de todas as estratificações assumidas. Reconhecer essa tensão que inerentemente constitui cada subjetividade equivale também a um certo tipo de apropriação de alguns territórios, sejam eles físicos, semânticos, afetivos e sempre políticos. O nômade é aquele que opera o deslocar dos limites, das fronteiras¹¹ são arbitrariamente impostos pela estratificação, aliás, ele passa “por entre”, podendo assim descobrir as medidas que são delineadas pelo próprio encontro de um corpo com o mundo e do pensamento com a terra. Ambos os movimentos, entendidos aqui a partir de uma nova imagem do pensamento, atuam como sinônimos.

É imprescindível também o entendimento contido numa concepção geofilosófica de que, em Deleuze e Guattari (2010), um pensamento que se quer nômade, não se relaciona com a terra como sendo ela delimitada a partir dos territórios definidos por suas fronteiras, mas sim como um campo de intensidades, movimentos e desterritorializações. O nômade, o pensador, não se prende a uma terra específica, mas se move, assim como as forças da natureza que moldam a geografia da Terra. O espaço da terra é dinâmico; um pensador nômade reconhece

¹¹ Não é que não exista fronteiras e limites, Gilles Deleuze e Félix Guattari trabalham com o entendimento de que eles são colocados pela própria estratificação operada por uma imagem dogmática do pensamento; ou seja, para o nômade, no entanto, não tem importância crucial.

essa mesma dinâmica como parte intrínseca da possibilidade de se criar pensamento. Assim como a Terra não reconhece as linhas geopolíticas humanas, um pensamento que quer se dizer daqui, da própria terra; só é possível no desafio às categorias tradicionais do que se entende como criação de pensamento filosófico, e, assim, procurar conexões que ultrapassem as divisões já preestabelecidas. O heterogêneo. Fazer filosofia então é, de certo modo, segundo Deleuze (2010), relacionar-se com a terra fazendo dos movimentos dela o seu próprio movimento. DesterritorializANDO. ReterritorializANDO .

A partir dessa relação com a terra, é lançada à joga uma nova lógica. Não mais restrita a um idealismo e muito menos a um processo que se constituiria integralmente de uma forma lógica e racional. Em *O que é a Filosofia?* (2010), os autores evidenciam que a lógica da terra é outra; é a lógica do heterogêneo. Porque a terra, entendida nas potencialidades e intensidades de seus diversos planos, é território da multiplicidade. Deleuze e Guattari partem desse entendimento e por isso percorrem toda essa trajetória para esse possível cume: um espaço do pensamento onde a multiplicidade habite como matéria prima do fazer filosófico. Só aí a diferença pode operar sem nenhum tipo de subordinação a identidade.

Deleuze, em uma entrevista concedida a Claire Parnet, em 1980, propôs uma resposta de teor lacônico e assertivo à uma pergunta feita a respeito de *Mil Platôs* como projeto. A pergunta se referia a qual gênero o referido livro deveria ser inserido, assim sendo, Deleuze proferiu a seguinte sentença, marcada por uma contundência simplória e inequívoca: esse livro é incontestavelmente um tratado de filosofia, nada menos, nada mais. Isso se deu justamente porque na obra referida, os autores atravessam territórios diversos do conhecimento; Literatura, Etnologia, Música, Economia, Política, História, Física, Geografia, ciências de um modo geral; evidenciando assim o próprio nomadismo inscrito num pensamento-escrita.

Uma constatação pungente emerge à tona, aquela de uma certa falência generalizada que parece assolar a grande maioria dos sistemas de conhecimento, e isso, em grande medida, devido a uma propensão inerente de auto encerramento, ou, de se restringirem à um invólucro de autorreferência. Com palavras que ressoam, Deleuze parece dizer em conjunto com Guattari que, o que eles vêm a nominar como “rizoma”, é, precisamente, a possibilidade de se pensar um sistema que embora opere por uma lógica própria, seja entendido como um sistema aberto. O rizoma como uma estrutura epistemológica de múltiplas ramificações e conexões, e que se revela como um antídoto ao isolamento e à estagnação conceitual que flagela outros sistemas de produção de saber e, inevitavelmente, a própria filosofia.

Assim, Deleuze se lança na empreitada de forjar um pensamento filosófico cuja marca distintiva consiste em abrir espaço generosamente para a expansão de todas as diferenças, um espaço em que o que é pensado se desenhe como um intrincado tecido de relações. A possibilidade ontológica delineada por Deleuze, uma ontologia das diferenças, alçando um voo empírico ao mesmo tempo que transcendental, mas não de maneira abstrata, pois, como delineado com cuidado pelos autores, o abstrato revela-se insuficiente na tentativa de apreender o novo e o inexplorado. Então, não se trata de atingir leis universais que possam dar conta de todas as contingências do real, mas sim de discernir as complexas condições que possibilitam a emergência do novo, uma empreitada que requer a consideração da multiplicidade e que compõe a própria terra da qual se pensa.

É, portanto, o traçar das possibilidades do novo que, em Deleuze e Guattari (2010) se erige como a tarefa envolta na criação de pensamento. É assim que uma Geofilosofia se tece, como uma arquitetura conceitual que busca discernir as linhas de fuga, as conexões, e as forças que animam o movimento incessante da terra. Nesse empreendimento, Deleuze (2002) se autodefine de maneira esclarecedora como um “empirista transcendental”, uma designação que realça a sua orientação pela experiência e, ao mesmo tempo, sua busca por ir além dos limites até então operantes das categorias conceituais de uma imagem dogmática do pensamento.

Deleuze e Guattari iniciam o capítulo dedicado a relação com a terra em *O que a Filosofia?* (2010) com uma afirmação de notável contundência e que parece fazer todo o livro, como obra, vibrar: "Pensar se faz, sobretudo, na relação do território com a terra" (DELEUZE; GUATTARI;2010 p.103). Nessa construção conceitual deleuziana, a filosofia emerge como um movimento do pensamento que se desenrola no âmago dessa interligação entre o território e a terra, removendo-se da dicotomia sujeito-objeto que até então moldava a compreensão a respeito do que viria a ser entendido como base da existência de um conhecimento. Um processo que se origina no movimento por um território e por isso culmina na própria terra, promovendo assim uma abertura do primeiro, fazendo-o transcender seus limites e se aventurar em um espaço até então desconhecido. De um além. Já o seu duplo, em contrapartida, um movimento que direciona a terra a reformular o território, como um ato de recapturar a aliança e reconstruir os limites conceituais que definem as possibilidades de estabelecer novas compreensões.

“A noção de território aqui é entendida num sentido muito amplo, que ultrapassa o uso que fazem dele a etologia e a etnologia. Os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e

aos fluxos cósmicos. O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.” (GUATTARI; ROLNIK, 1986; p.323).

Portanto, sob a ótica da Geofilosofia, um pensamento se emerge como uma dança intrincada entre a terra e o território; sendo assim, filosofar é de certa forma construir uma coreografia capaz de ocupar um determinado espaço; que não apenas amplia os horizontes de possibilidade das formas de se construir um conhecimento entendido como filosófico, mas também lança uma luz sobre a natureza fluida da própria relação do pensamento com mundo e a vida. Portanto, o “geo”filósofo, segundo Deleuze (2010), é aquele que cultiva como operação do pensamento a captura de uma potência da terra da qual pensa e a reterritorializa através e no conceito em sua forma porvir. Na esteira do exposto, o pensador emerge como uma figura cuja *práxis* intelectual transcende qualquer teleologia convencional do pensamento. Sua operação não se limita a uma contemplação distante ou a uma assimilação passiva do conhecimento, ao contrário, é uma ação ativa e comprometida com a específica dinâmica da terra. O “geo”filósofo não apenas reconhece as potências latentes da terra, mas busca capturá-las como parte integrante de seu processo criativo conceitual. Da própria criação de pensamento. Em Deleuze (2010), parece evidente que: criar conceito é criar pensamento. E criar pensamento é abrir possibilidade para novas formas de vida. Um pensamento da terra é um pensamento que precisa jorrar.

Essa captura de uma potência da terra implica um envolvimento profundo e imersivo com a multiplicidade de forças, movimentos e intensidades presentes no tecido do real. Em *O que é a Filosofia?* (2010), fica evidente que para os autores, uma captura não é uma simples absorção passiva, mas uma apropriação intencional das forças que permeiam o solo em que se habita e concomitantemente se pensa. A reterritorialização, então, torna-se uma forma de expressão e performance, um processo no qual as potências capturadas são moldadas e incorporadas ao conceito em sua forma porvir. A reterritorialização não é jamais uma volta a formas já estabelecidas, mas sim uma ressignificação criativa que se realiza num tipo de espaço conceitual que sempre se manifesta de forma germinativa. Evidente que pensar não é meramente executar essa operação, não é apenas se conectar com a terra, mas sim contribuir com ela para a gênese de novos territórios conceituais, desenhando numa cartografia para traçar mapas inexplorados, delineando assim as fronteiras de um pensamento que precisa operar na lógica de um constante devir.

CONCLUSÃO

política doS devirES : RUMO À NOVA TERRA

“Há situações nas quais a única saída para o homem é um devir-revolucionário” - G de Gauche (PARNET, Claire. O abecedário de Gilles Deleuze, 1988;)

Esse deslocamento paradigmático que os autores querem irromper, antes de mais nada a partir da própria escrita, tem implicações políticas profundas, muito embora pareça habitar majoritariamente com um certo caráter implícito. A aparente implicitude desse deslocamento em muitos textos não diminui a sua força; ao contrário, na “obscuridade” dessa mudança parece ser revelada justamente sua potência transformadora. Ao privilegiar a diferença em detrimento da identidade, a proposta deleuziana não apenas desafia as estruturas tradicionais do pensamento, mas também propõe uma nova ética política. A política, nesse contexto, não se restringe às questões de estruturas de poder e governança, mas em algum sentido, a própria existência de uma afirmação do direito à diferença. Essa nova ênfase, longe de ser apenas uma mera inversão conceitual, implica uma revolução na forma como se concebe e se pode vir a pensar a ação política. Esse paradigma reposicionado, propõe uma rejeição das normas até então homogeneizadoras, favorecendo um tipo de *práxis* política que acolhe as diversas vozes, experiências e modos de existência. Essa nova ética política exige um reconhecimento ativo das singularidades, desafiando as categorias pré-determinadas que muitas vezes marginalizam as minorias e restringem a expressão autêntica da diversidade.

Ao criticar a lógica de um pensamento da representação, Deleuze desloca o papel tradicional do sujeito como sendo aquele que representa o mundo. Ele desafia a ideia de um sujeito unificado e estável, argumentando que a experiência e a realidade são construídas por multiplicidades e diferenças, em vez de serem reduzidas a uma representação única. Essa descentralização do sujeito tem implicações éticas ao desaguar no questionamento das hierarquias e na promoção de uma compreensão mais igualitária das relações sociais. A crítica da representação está intrinsecamente ligada à ética deleuziana da diferença e da multiplicidade. Ao rejeitar a representação e sua lógica, Deleuze abre espaço para uma ética da liberdade. Zourabichivili (2016) evidencia que a liberdade, para Deleuze, está relacionada à capacidade de criar, experimentar e se engajar em processos de autodeterminação. Portanto, a crítica da representação e da imagem dogmática do pensamento em Deleuze não é apenas uma questão para um círculo epistemológico, mas também um projeto com implicações éticas e políticas

significativas. Ela oferece um novo teor ético-político ao destacar a descentralização do sujeito, promover uma ética da diferença e da multiplicidade e trazer ênfase para uma política que se diz do devir e do acontecimento.

Em seu notório trabalho sobre o “aberrante” em Deleuze, David Lapoujade (2015), destaca a importância própria dessa noção tão idiossincrática e sua relevância para uma compreensão mais profunda do pensamento político deleuziano, que é o oceano para onde parecem confluir todos os afluentes desse pensamento. Lapoujade (2015) destaca a potência que Deleuze enxerga no que é por ora tido como aberrante em cada pensamento. O aberrante aqui, não é apenas uma exceção à regra, mas uma singularidade em que reside uma força criativa capaz de colocar em “xeque” sistemas inteiros e reconfigurar as normas existentes. Essa potência exclusiva do divergente, do aberrante, daquela “cópia ruim”, tem implicações fortemente éticas ao sugerir que o que está a habitar o fora pode vir a ser uma potência de resistência política, inclusive, através do impacto gerado pelas subversões das identidades fixas sejam elas em qualquer âmbito.

Existe uma normatividade arraigada em nosso sistema; um padrão molar que delinea as características, como por exemplo: branco, ocidental, racional, heterossexual. Conforme delineado por Deleuze e Guattari em *Mil Platôs* (2012) como também em *O Anti-Édipo* (2010), a supremacia do homem é inerente à sua condição majoritária, estabelecendo, por conseguinte, um estado de dominação, onde os devires, enquanto minoritários, assumem um papel distinto e subjugado. Este padrão, ao instituir uma norma, configura-se como um modelo que, sobretudo, direciona os campos de forças que moldam o ser humano e os agenciamentos que o forjam por esse espaço estriado do pensamento, território da representação, sua respectiva lógica e todas as relações até então submetidas e também determinadas pelos modelos transcendentais. Nesse contexto, há sempre como movimento a tentativa de assimilação à comportamentos que buscam a confluência com o que se tem por padrão estabelecido. As estruturas sociais, por sua vez, são mantidas por meio dessas próprias analogias e imitações, perpetuando assim um ciclo aparentemente infundável de uma lógica também da conformidade.

“A terra, nesse contexto, assume a sua posição à frente de nossa trajetória, como um horizonte de possibilidades que se projeta adiante e não como um passado remoto a ser recuperado. Ela se perdeu em algum momento, desviando-se de nosso alcance, e agora nos incumbe a tarefa árdua de reencontrá-la, embora esse encargo já não possa ser atribuído exclusivamente ao ser humano.” (DOS SANTOS, 2013; p.44).

Todavia, emerge a provocação de Deleuze e Guattari ao deslocarem o pensamento, irrompendo-o para um espaço liso, imanente, e que se constitui numa relação direta com a terra, que, a partir de seus movimentos e operações, tornam possível a existência da compreensão de um devir, e mais, de um devir revolucionário. Este, desvia-se das trilhas convencionais de conduta, desafiando as formas de sujeição impostas pelo padrão molar. A imagem do devir transcende a linearidade e a fixidez, rejeitando assim a lógica dogmática da representação. Deleuze e Guattari, ao esboçarem essa abordagem, almejam um pensamento que possar operar a partir da fuga, optando por apostar na força de um percurso tangencial; na “terceira margem”¹²; na leitura pela diagonal de um panorama, em que pode se desvelar um espaço de possibilidades ainda não contempladas pelas estruturas e leituras normativas convencionais. Para os autores, a grande chance revolucionária reside num momento em que se abre espaço para a diferença não constrangida. Para que se possa assim compreender justamente que:

“Pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo – o novo, o Notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e que são mais exigentes que ela. O que está fazendo não é o que acaba, mas menos ainda o que começa” (DELEUZE, GUATTARI, 2010; p. 133)

Uma das grandes possibilidades de um pensamento que se constitui a partir da relação com a terra é justamente a possibilidade de sua operação através de novas lógicas, como por exemplo, uma lógica da experimentação. Em diálogo com Negri (2021), Deleuze evidencia que é propriamente político um pensamento que opera por devires, que tange o que se entende por extemporâneo, que aprecia o inesperado, que encontra no aberrante de cada pensamento uma manifestação súbita e possível de se percorrer. A Geofilosofia para os autores se realiza no anômalo, pelo “a-histórico”, e atinge seu ápice na criação de algo até então imprevisível. Essa é a continua tentativa, segundo Deleuze (2010), da Filosofia. Destarte, a criação de pensamento, nesse contexto, não se configura como uma revelação linear de um determinado conceito, tampouco como o desenrolar previsível de uma possível narrativa histórica, nem mesmo como a exposição da interioridade de um sujeito. Em vez disso, nesse ato, a terra se revela como um plano imanentemente propício, proporcionando aos personagens conceituais que o povoarão, a capacidade de forjar o novo. A utopia? Uma nova terra.

¹² SILVA MORAES, Daniel; JARDIM, Alex Fabiano. “O que é uma linha de fuga? Consideração a partir do conto ‘A terceira margem do rio’, de Guimarães Rosa”. Viso: Cadernos de estética aplicada, v. 11, n° 20 (jan-jun/2017), p. 16-30.

Negri (2021) ressalta que Deleuze e Guattari pareciam de algum modo ter a consciência que com frequência esse novo projeto de compreensão do pensamento filosófico seria equivocadamente associado a um caráter meramente utópico. Não obstante, é inegável que para eles que, não só o filósofo, mas também os cientistas e os artistas, como bem notavelmente aparece em *O que é a Filosofia?* (2010), se dedicam a abordar a realidade, todavia, com desejos distintos, orientados para a criação de mundos alternativos. É crucial discernir que tal empreendimento não deve ser confundido com o que comumente se entende como utopia, aquela que busca escapar, através da construção de narrativas específicas, deste mundo e acabando por mergulhar assim num plano de transcendência inalcançável. A utopia filosófica aqui, para os pensadores da terra, se revela como a crítica mais radical de seu próprio tempo, constituindo-se como um estímulo para a reconsideração das formas de existência e a proposição de modos alternativos de vida.

A Filosofia, por princípio, encontra-se (ou deveria encontrar-se) em constante confronto com o *zeitgeist* e com seu presente; talvez aqui no caso de Gilles Deleuze e Félix Guattari, uma oposição intrínseca ao duplo: capitalismo e representação; em sua busca incessante por explorar novas e inusitadas potencialidades de existência. Nesse ímpeto, o pensamento filosófico, inevitavelmente, se expõe ao risco de ser categorizado como utópico. No entanto, Deleuze e Guattari optam por designá-lo como potência, como uma possibilidade de fazer existir um espaço outro e/ou até uma esfera alternativa de viver e conceber; tangencial, horizontal, libertária, e sem sombra de dúvidas: imanente; e, portanto, intrinsecamente revolucionária. A Geofilosofia, por sua vez, se manifesta constitutivamente como uma forma de resistência ao *status quo* e também como uma postura de insurgência se colocando como necessária frente ao presente. Assim, uma filosofia que se pretende como espaço da diferença e constituída nesse desenrolar-se com a própria terra, tem como resultado o que em Deleuze e Guattari é possível nomear como uma “política do devir”: um estado ativo e possível de criação de possibilidades. Laymert Garcia dos Santos advoga em coro com Deleuze e Guattari sobre:

“A emergência de uma era que transcende a transcendência, uma dedicação inquebrantável à Terra, e a ascensão do além-do-homem, todos esses elementos parecem costurar o tecido do pensamento de Nietzsche ao dos geofilósofos, alinhando-se em uma trama conceitual comum. E a Terra, não como uma mera geografia física, mas como uma Terra reinventada, uma Terra cujo significado é imbuído pelo além-do-homem, só pode ser resgatada por meio de uma experimentação radical da desterritorialização. É nessa exploração do território do novo, no desprendimento do familiar e na ousadia de transcender os limites, que se vislumbra a possibilidade de redescobrir a Terra como um horizonte promissor e um destino filosófico transcendente.” (DOS SANTOS, 2013; p.44)

A filosofia deleuziana, intrinsecamente ligada à ideia de devir, é uma incursão nesse espaço liso do pensamento, e, portanto, acaba por transpor paradigmas, apontando para uma reconfiguração antes de mais nada e centralmente, da própria noção de subjetividade e conseqüentemente das estruturas políticas estabelecidas. Ao projetar um além possível da imagem dogmática do pensamento, Deleuze (2018) propõe uma nova visão, uma que se assemelha mais a um espaço liso, desprovido de estratificações rígidas, onde as ideias sejam entendidas pelo seu caráter “germinativo”, podendo elas proliferarem e se entrelaçarem em devires múltiplos. Rosi Braidotti¹³(1994), aprofunda essa compreensão ao explorar a noção de uma “subjetividade nômade” que acompanha toda a proposta de crítica contida no projeto deleuziano a uma determinada imagem do pensamento sendo ela a força possível e desdobrável da compreensão da potência de uma filosofia entendida como “Geo”filosofia. Essa subjetividade, característica dessa política dos devires; fluida, em constante movimento, desafia as fronteiras fixas das identidades estabelecidas. Nesse sentido, um pensamento que se movimenta rumo a uma “nova terra” almejada, embora se faça na relação com a terra num sentido material e não metafórico, não se restringe a isso; porque em Deleuze e Guattari (2012) o movimento é sempre um duplo; ele também se dirige para um território ontológico e epistemológico visando subjetividades em constante devir; um lugar onde as diferenças possam habitar e agir como potência criativa.

Uma política dos devires, inspirada pelo pensamento de Deleuze e como também ampliada por Braidotti (1994), ultrapassa o simples questionamento das estruturas políticas institucionalizadas e/ou formais. Ela é vocativa; é uma chamada à ação, uma convocação para a criação de um tecido social onde as singularidades são não apenas toleradas, mas fomentadas como performances vitais de uma multiplicidade que encontra sua base num desejo de imanência. A nova imagem do pensamento, segundo Deleuze e Guattari (2010), não está ancorada na operação fixadora da representação, mas sim em uma dinâmica de jorro constante, uma dança entre o pensamento e a realidade em busca de um devir político que quer fazer passar a diferença. Ao abraçar uma política dos devires, torna-se possível um movimento em direção a uma terra de possibilidades inexploradas, onde uma subjetividade que, ao atuar de forma nômade, se entrelaça com a multiplicidade que vem a ser possível em uma nova forma de entendimento da própria criação de pensamento, redefinindo os contornos e entendimentos dos

¹³ BRAIDOTTI, Rosi. *Nomadic subjects: Embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory*. Columbia University Press, 1994.

fluxos de expressão e ação política. Gilles Deleuze e Félix Guattari fizeram de seu próprio pensamento e escrita, o exercício exemplar dessa abertura, dessa constante liberação, através da qual a imanência de uma vida toda toma consistência por meio da própria experimentação a que se pretende. O que existe então é um convite; este, capaz de lançar toda a criação de pensamento numa estrada rumo a uma Nova Terra, onde nesta se faz e refaz constantemente um fecundo território para o que quer que esteja em consonância com desejo de ali extrair o que há de possibilidade. Novo. E de novo. Assim, através de um pensamento-jorro, a Geofilosofia de Deleuze desafia a estabilidade, abraça a fluidez que precisa ser própria do pensamento e reconhece com ela a complexidade do mundo e da terra de onde se cria e pensa. Nesse território inexplorado, as fronteiras entre as disciplinas se desvanecem, dando lugar a uma paisagem intelectual que pode em consonância ou dissonância, vibrar; e fazer reverberar. Território onde o pensamento jorra; e ao jorrar, flui como um rio infindável, sempre em busca de novas formas de expressão e vida, incorporando tudo que lhe cabe como afluente. “Em resumo, a filosofia se reterritorializa 3 vezes, uma vez no passado sobre os gregos, uma vez no presente sobre o estado democrático, uma vez no porvir sobre o novo povo e a Nova Terra” (DELEUZE; GUATTARI,2010; p. 133)

REFERÊNCIAS:

- BRAIDOTTI, Rosi. Nomadic subjects: Embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory. Columbia University Press, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia-Vol. 1: Dos pré-socráticos a Aristóteles. Editora Companhia das Letras, 2018.
- DA SILVA, Tomaz Tadeu; Guia de Leitura “Introdução” Gilles Deleuze, Diferença e Repetição; Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Lisboa: Relógio d’Água, 2000
- DAVIM, David Emanuel Madeira; JUNIOR, Eduardo José Marandola. Cinco visões sobre a terra na geofilosofia de Nietzsche. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), v. 22, n. 3, p. 729-746, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.. 5. Editora 34, 2012.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 3/. Tradução de Aurélio Guerra Neto et. al. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Editora Paz e Terra, 2018.
- DELEUZE, Gilles; SILVA, Tomaz Tadeu da; CORAZZA, Sandra Mara. A imanência: uma vida. Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 27, n. 2 (jul./dez. 2002), p. 10-18, 2002.
- DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a Filosofia. Editora Rio, 2014.
- DELEUZE, Gilles. Espinosa e o problema da expressão. São Paulo: Editora 34,, 2017.
- DELEUZE, Gilles. A ilha deserta. Editora Iluminuras Ltda, 2000.
- DELEUZE, Gilles. Conversações. Editora 34, 2017.
- DESCARTES, René; SANTIAGO, Homero. Meditações metafísicas. Imprensa da Universidade, 1930.
- DE SOUZA, Eliane Christina. A Teoria das Formas de Platão. Temas & Matizes, v. 4, n. 8, p. 39-46.
- DOS SANTOS, Laymert Garcia. Rumo a uma nova terra. ECOPOLÍTICA, n. 5, 2013.
- ESPINOSA. B. Ética. Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos GEE-USP. São Paulo: Edusp, 2013
- GIACÓIA JR., O. Nietzsche. São Paulo: Publifolha, 2000.
- GUATTARI, F. 1987. Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografia do desejo. 1986.

- HARDT, Michael. Gilles Deleuze: um aprendizado em filosofia. Editora 34, 1997.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. A razão na história. Leya, 2013
- LAPOUJADE, David. Deleuze, os movimentos aberrantes. Trad. de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo, n-1 edições, 2015.
- LISPECTOR, Clarice. Água Viva. Rio de Janeiro – RJ, Ed. Rocco, 1ª ed., 2020.
- MACHADO, Roberto. Deleuze, a arte e a filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. Editora Companhia das Letras, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. Humano, demasiado humano. LeBooks Editora, 2019.
- NIETZSCHE, F. Crepúsculo dos ídolos: como se filosofa com o martelo. Trad. Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- NIETZSCHE, F. O eterno retorno: a vontade de potência. In: Os Pensadores – Nietzsche: obras incompletas. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1884-1888/1999. p. 443-450.
- NIETZSCHE, F. A genealogia da moral. Trad. Paulo César de Sousa. São Paulo.: Companhia das letras, 1998.
- NUNES, Benedito. Heidegger & Ser e tempo. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2002
- PARNET, Claire. O abecedário de Gilles Deleuze. Dirigido por: Pierre-André Boutang. Recuperado de <http://aquileana.wordpress.com/2011/02/07/gilles-deleuze-el-abecedario>, 1988.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha; PEREIRA, Maria Helena da Rocha. A república. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira, v. 9, 1987.
- PETERS, Michael. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução. Autêntica, 2000.
- RAMACCIOTTI, Bárbara Lucchesi. Deleuze e Chauí: leituras paralelas sobre a ética de Espinosa. Cadernos Espinosanos, n. 29, 2013.
- REALE, Giovanni (Ed.). Metafísica de Aristóteles I. Edições Loyola, 2001.
- SILVA MORAES, Daniel; JARDIM, Alex Fabiano. “O que é uma linha de fuga? Consideração a partir do conto ‘A terceira margem do rio’, de Guimarães Rosa”. Viso: Cadernos de estética aplicada, v. 11, n° 20 (jan-jun/2017), p. 16-30.
- SILVESTRIN, Darlan. NEGRI, Antônio. Deleuze e Guattari: uma filosofia para o século XXI. 2021.
- VILLEGAS VELEZ, Daniel. Deleuze and the simulacrum: between the phantasm and fantasy (a genealogical reading). Tijdschrift voor Filosofie, v. 81, n. 1, 2019.
- ZOURABICHVILI, François. Deleuze: uma filosofia do acontecimento. São Paulo: Editora 34, 2016.
- ZOURABICHVILI, François; GOLDSTEIN, Víctor. O vocabulário de Deleuze. 2004.

